

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS**

**TRADUÇÃO DE LINGUAGEM FIGURADA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA
COM BASE NA TEORIA DA METÁFORA CONCEITUAL**

LAURA BAIOTTO PEREIRA

**PORTO ALEGRE
2017**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

LAURA BAIOTTO PEREIRA

**TRADUÇÃO DE LINGUAGEM FIGURADA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA
COM BASE NA TEORIA DA METÁFORA CONCEITUAL**

Monografia apresentada como requisito
para a conclusão do curso de graduação em
Bacharelado em Letras - Tradutor
Português e Inglês da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul.

ORIENTADORA: PROF^a DR^a MAITY SIQUEIRA

PORTO ALEGRE
2017

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que, além de darem todo o apoio possível para que eu focasse nos estudos nesses quatro anos e meio, sempre me estimularam a estudar e entrar na universidade. Se não fosse pelas conversas sobre a UFRGS e pelos incentivos desde pequena, eu absolutamente não estaria aqui hoje. Agradeço também aos meus irmãos, cunhada e outros familiares pelo apoio, preocupação, paciência e principalmente por participarem das pesquisas linguísticas empíricas formais e informais às quais eu os submeti nesses anos.

Ao grupo de pesquisa METAFOLIA, que me proporciona tanto conhecimento e aprendizagem. Sou muito feliz por ter encontrado um grupo tão generoso, divertido e unido. Agradeço principalmente à Carol e à Nichele, que estão comigo desde o começo, pelas risadas, pelo companheirismo e pela ajuda neste e em tantos outros trabalhos durante a pesquisa.

À minha orientadora Maity, que tanto contribuiu e continua contribuindo para a minha formação como pesquisadora, e principalmente por ter me apresentado ao que quero fazer para o resto da vida.

A todos que de certa forma fizeram da minha graduação anos muito felizes.

“If [...] the mappings are indeed conceptual rather than linguistic, then the translation would involve not only a transfer process from one *language* to another, but also a transfer from one *way of conceptualizing the world* into another”.

Nili Mandelblit, 1995.

RESUMO

Este trabalho é uma aproximação entre os estudos da linguagem figurada na Linguística Cognitiva e os estudos de tradução. Diante da literatura que sugere uma dificuldade por parte dos tradutores ao lidar com metáforas e fenômenos relacionados, apresentamos uma análise de duas traduções para o português do conto inglês “A Scandal in Bohemia”, de Arthur Conan Doyle. Como objetivo, buscamos investigar como os tradutores agem diante de metáforas, metonímias e expressões idiomáticas e verificar a possível presença de mapeamentos metafóricos e metonímicos nas escolhas feitas pelos tradutores. A literatura no âmbito da Linguística Cognitiva descreve três tipos de variações interculturais que potencialmente dificultam a tradução: i) a gama existente de metáforas e metonímias conceituais para um único domínio alvo; ii) elaborações linguísticas específicas de metáforas e metonímias conceituais para atualizar um domínio alvo específico; e iii) a ênfase dada na metáfora ou na metonímia para conceitualizar um domínio alvo. Já nos estudos que lidam com tradução, existe certo consenso de que o desafio está nos casos em que as línguas utilizam domínios conceituais diferentes para expressar ideias parecidas. Portanto, após a seleção das expressões, que se deu com base no método para identificação de metáforas linguísticas MIPVU, foram realizadas as análises das traduções do conto. A investigação sugere que as metáforas, primárias na sua grande maioria, foram frequentemente traduzidas por equivalentes literais. Por sua vez, as metonímias no geral foram traduzidas por expressões metonímicas equivalentes, mas ainda ofereceram desafios específicos. Os problemas na tradução em ambos os casos foram majoritariamente causados por diferenças em elaboração entre as línguas. Em relação às expressões idiomáticas, a análise aponta para a hipótese de que quando a expressão é mais claramente figurada (complexa ou idiomática), existe um esforço maior por parte dos tradutores para as traduzirem como expressões figuradas. Quando se trata de uma expressão mais básica, entretanto, a chance de escolha de um equivalente literal foi maior. Assim, o estudo pode contribuir tanto para o estudo dessas figuras de linguagem quanto para os estudos de tradução.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva; tradução; Teoria da Metáfora Conceitual; metonímia; expressões idiomáticas.

ABSTRACT

This study brings closer the disciplines of translation studies and the studies on figurative language according to the Cognitive Linguistics perspective. According to the literature which suggests that translators face difficulties to translate metaphors and metaphor-related phenomena, we present an analysis of two translations of the English short story “A Scandal in Bohemia”, by Arthur Conan Doyle, into Brazilian Portuguese. Our aim was to investigate how translators perform when having to deal with metaphors, metonymies and idioms and to examine the presence of metaphoric and metonymic mappings on their translated versions. The literature on Cognitive Linguistics accounts for three types of intercultural variation which potentially interfere in the process of translating: i) differences in the range of conceptual metaphors and metonymies to conceptualize one given target; ii) differences in the possible linguistic elaborations of conceptual metaphors and metonymies for one given target; and iii) differences in the emphasis on metaphor instead of metonymy associated with a given target, or vice-versa. On the studies that deal with translation, it is usually unanimous that the challenge of figurative language translation lies on cases in which the given languages use different domains to express similar ideas. With this in mind, after the selection of the expressions that would feature this study, done based on MIPVU, a method for the identification of linguistic metaphors, the analysis was carried out. Our investigation suggests that metaphors, mostly primary in this case, were frequently translated by their literal equivalents. On turn, metonymies in general were translated by metonymic expressions, but still presented specific challenges. The problems in translation in both cases were mainly caused by differences in elaboration between the languages. Regarding idioms, the analysis also indicates that when an expression is more explicitly figurative (complex or idiomatic), there is a greater effort from the translators to choose equivalent figurative expressions on the target language. When it comes to more basic expressions, however, the chances of literal choices by the translators were greater. Thus, this monograph may contribute to the studies on such figures of speech as well as to translation studies.

Keywords: Cognitive Linguistics; translation; Conceptual Metaphor Theory; metonymy; idioms.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	40
Tabela 2	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 A LINGUAGEM FIGURADA NA LINGÜÍSTICA COGNITIVA.....	10
1.1 Metáfora	10
1.2 Metonímia	12
1.3 Expressões Idiomáticas	14
1.4 Variação metafórica e metonímica	16
2 O QUE É TRADUÇÃO.....	18
2.1 O desafio da tradução de linguagem figurada	20
3 MÉTODO	25
4 ANÁLISE	27
4.1 Mapeamentos metafóricos	27
4.2 Mapeamentos metonímicos.....	32
4.3 Mapeamentos idiomáticos.....	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE A	46
APÊNDICE B	49
APÊNDICE C	51

INTRODUÇÃO

Os estudos da linguagem figurada e da tradução foram, por muito tempo, considerados inconciliáveis. Entretanto, durante as últimas décadas, tentativas de aproximação têm sido feitas (cf. CRISTOFOLI, DYRBERG e STAGE, 1998; ARDUINI, 2010; KOGLIN, 2015). No âmbito da Linguística Cognitiva (LC), especialmente, estudos envolvendo linguagem figurada e tradução tornaram-se mais frequentes e minuciosos com a popularidade cada vez maior desta perspectiva (cf. SCHÄFFNER, 2004; BRDAR e BRDAR-SZABÒ, 2014; MILLER e MONTI, 2014). Ainda assim, esses estudos geralmente abordam o inglês e outras línguas europeias, e, portanto, há uma lacuna nos estudos que relacionam a LC e os estudos de tradução no português brasileiro. Com o intuito de verificar a viabilidade de uma maior proximidade entre essas duas áreas no que concerne a língua portuguesa, pretendemos preencher essa lacuna e contribuir para os estudos de ambas as disciplinas.

Propomos, para tanto, analisar diferentes traduções do conto “A Scandal in Bohemia” de Arthur Conan Doyle, presente na coletânea *The Adventures of Sherlock Holmes* e publicado pela primeira vez em 1891, prestando atenção especialmente no modo como as figuras de linguagem foram traduzidas. A primeira tradução é denominada “Escândalo na Boêmia”, de Maria Luiza X. de A. Borges, da segunda edição de *As Aventuras de Sherlock Holmes* da editora Zahar, de 2010. A segunda, traduzida por Hamílcar de Garcia, se chama “Um escândalo na Boêmia” e foi editada pelo Círculo do Livro e publicada em *As Aventuras de Sherlock Holmes* em 1985. A consulta desta última tradução foi feita digitalmente. A história, conto literário do gênero policial e investigativo, se desenvolve acerca de uma investigação de chantagem sofrida por um membro da aristocracia e foi escolhida para o estudo exclusivamente por ser a primeira da coletânea.

Com isso, este estudo tem por objetivo geral propor uma aproximação entre o estudo da LC e os estudos de tradução. Mais especificamente, busca-se investigar como os tradutores agem diante de metáforas, metonímias e expressões idiomáticas no texto que devem traduzir e verificar a possível presença de mapeamentos metafóricos e metonímicos nas escolhas feitas por eles. Em termos práticos, este estudo será guiado pelas seguintes perguntas de pesquisa:

1. Na sua maioria, as palavras ou expressões equivalentes utilizadas pelos tradutores levantam os mesmos mapeamentos que a expressão original?
2. Os três fenômenos de linguagem figurada são traduzidos de maneiras diferentes?
 - a. Há algum tipo específico (especialmente de metáfora e metonímia) que causa mais problemas para a tradução?
3. Os tradutores diferem entre si em relação aos mapeamentos utilizados ou existe consenso em relação à tradução de certos fenômenos ou expressões figuradas?

Como veremos na seção de pressupostos teóricos, existem estudos empíricos que confirmam a maior dificuldade dos tradutores ao lidar com metáforas e seus fenômenos relacionados em comparação à linguagem literal. Segundo Mandelblit (1995), há diferenças no processo da tradução quando comparados casos em que as línguas envolvidas usam domínios diferentes para expressar uma mesma ideia e casos em que as línguas usam mapeamentos similares. Da mesma forma, Kövecses (2005) elenca tipos de variação metafórica entre culturas que podem dificultar trabalhos multilinguísticos como a tradução. Outros estudos sobre a tradução de linguagem figurada abordam essas questões e serão essenciais para este estudo.

É importante notar também que, embora uma análise do processo tradutório em si e uma investigação sobre os processos cognitivos do tradutor fossem também interessantes, a análise que se dará neste trabalho será baseada na tradução como produto do processo de traduzir. Nessa abordagem, não podemos acessar os caminhos que levaram a tais decisões tradutórias, mas podemos avaliar o produto final desse processo para investigar como a linguagem figurada é tratada e supor a dificuldade ou não de traduzir de acordo com os mapeamentos do texto original.

A fim de relatar as análises desta pesquisa, este trabalho está estruturado da seguinte maneira: após esta introdução, temos a primeira parte da revisão de literatura, em que abordamos os tipos de linguagem figurada que serão aqui examinados e suas possíveis variações entre culturas; a seguir, na segunda parte da seção de pressupostos teóricos, apresentamos princípios relevantes para o estudo de tradução e expomos os desafios em se traduzir figuras de linguagem; então, esclarecemos os aspectos metodológicos envolvidos neste trabalho, e seguimos à análise das traduções do conto; por fim, os comentários finais são discutidos na seção de conclusão.

1 A LINGUAGEM FIGURADA NA LINGÜÍSTICA COGNITIVA

A visão de que a linguagem figurada serve a propósitos puramente estéticos começou a ser seriamente contrariada com os estudos da Linguística Cognitiva (LC). Como o próprio nome sugere, a LC é uma abordagem linguística que enfatiza o papel da cognição humana em diferentes aspectos da linguagem. É uma perspectiva bastante abrangente e cheia de teorias e princípios desenvolvidos a partir de um denominador comum: a ideia de que a linguagem figurada pode representar muito mais do pensamento e do nosso sistema conceitual do que se imagina. Nesta seção, veremos as principais contribuições da LC acerca de cada figura de linguagem presente neste estudo.

1.1 Metáfora

Quando ouvimos alguém falar sobre as *bases da teoria* de alguém, sobre os *ramos de uma empresa*, sobre *uma troca de farpas* em uma briga e sobre os *caminhos que levaram* alguém a alguma etapa da vida, geralmente não percebemos, mas estamos utilizando metáforas. Um fenômeno da linguagem de tal valor na linguagem cotidiana não poderia ser estudado apenas superficialmente. Com isso em mente, estudiosos debruçaram-se sobre a metáfora e, a partir da Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), na década de 1980, começaram a levar em conta os aspectos conceituais acerca do fenômeno. Esta seção faz um apanhado geral sobre o que foi postulado de mais importante na LC sobre a metáfora.

Na LC, a metáfora é definida como o entendimento de um domínio conceitual através de outro. Desta forma, ao utilizar uma metáfora, não estamos apenas falando de algo em termos de outra coisa, mas sim entendendo um conceito em termos de outro. Segundo Lakoff & Johnson (2002 [1980], p. 99), que desenvolveram a TMC, “as metáforas [...] não são aleatórias, ao contrário, elas formam sistemas coerentes com os quais conceitualizamos nossa experiência”. Em termos mais técnicos, uma metáfora envolve um domínio conceitual fonte, definido como o tópico ou a categoria de que falamos literalmente, e um domínio alvo, aquilo que queremos dizer. Portanto, de acordo com a teoria, a expressão “Os ramos da empresa estão se expandindo” é uma atualização linguística que aborda e conceitualiza o domínio alvo ORGANIZAÇÕES em termos de plantas (domínio fonte) e é também derivada da metáfora conceitual

ORGANIZAÇÕES SÃO PLANTAS. Assim, o conceito de organizações é categorizado e parcialmente conceitualizado nos nossos pensamentos desta forma.

Uma característica importante das metáforas conceituais é que elas apresentam o conceito mais abstrato como alvo e o mais concreto ou físico como fonte. Já que usamos a metáfora para facilitar o entendimento de algum tópico, faz sentido que usemos um objeto concreto — algo que podemos ver, tocar e realmente entender melhor — como ponte para a compreensão de um conceito mais abstrato. Sem as metáforas linguísticas e conceituais, essas noções abstratas seriam muito mais difíceis de conceber no pensamento e atualizar ou elaborar na linguagem cotidiana. Isso também faz com que a metáfora esteja presente em peso nas nossas interações do dia-a-dia.

A TMC também defende uma visão experiencialista da linguagem figurada. De acordo com ela, os processos cognitivos humanos (e, portanto, a linguagem) não podem ser investigados isoladamente da nossa experiência corpórea. A biologia dos nossos corpos e do ambiente em que vivemos soma-se à maneira como interagimos e determina outros aspectos da nossa experiência (EVANS e GREEN, 2006). Por exemplo, experienciamos a gravidade o tempo todo. Quando alguém está cansado, dormindo ou desmaiado, a tendência é que esteja mais para baixo literalmente. Da mesma forma, quando estamos acordados, ativos ou pulamos de alegria, nossos corpos ficam mais para cima. Isso influencia a maneira como entendemos situações mais abstratas porque essas coocorrem muito frequentemente no nosso cotidiano. Disso, portanto, surgem expressões linguísticas como “estar se sentindo para cima/baixo”, “estar no fundo do poço” e “estar nas nuvens”, que falam de (in)felicidade, um conceito abstrato, de forma mais concreta e motivada pela experiência corpórea.

As expressões mencionadas acima atualizam as metáforas conceituais BOM É PARA CIMA e sua contraparte RUIM É PARA BAIXO, que, por sua vez, fazem parte de um grupo específico de metáforas: as primárias. Essas são as metáforas que não dependem de uma cultura em específico e, portanto, têm potencial para a universalidade. Grady (1997) postula que elas são resultado das nossas interações com o ambiente em que vivemos. Como no exemplo mencionado acima, a motivação por trás das expressões primárias (estar cansado, dormir, estar ativo, pular...) acontecem com seres humanos independentes de suas culturas, e isso faz com que elas potencialmente existam na maioria das línguas e, por hipótese, não apresentem muita dificuldade de tradução.

Um tipo de metáfora que também está relacionada com a corporeidade no sentido de envolver nossa percepção dos objetos, mas que igualmente podem envolver padrões culturais, são as metáforas de imagem (“one-shot metaphors”). Essas são metáforas ricas em detalhes imagéticos, mas seus mapeamentos não vão além dessa comparação entre imagens. Por exemplo, quando alguém diz que tem uma juba de leão, está se apoiando em imagens concretas para descrever e exemplificar como é seu cabelo. Dessa forma, não há uma estrutura conceitual entre esses domínios a não ser a aproximação de duas imagens em que uma é imposta à outra (KÖVECSES, 2010, p. 44). A hipótese nesse caso a respeito da tradução, é que não haja desafios, a não ser em casos em que o conteúdo imagético seja culturalmente diferente entre as línguas.

Outras metáforas são majoritariamente baseadas em aspectos culturais. As chamadas metáforas complexas resultam de modelos culturais, organizações de experiência compartilhadas por uma comunidade (KÖVECSES, 2005), que funcionam a nível do pensamento e, portanto, também compõem nosso sistema conceitual. A partir dessas experiências compartilhadas, as metáforas mais culturalmente específicas surgem. Esses casos, como esperado, são os que mais oferecem desafios à tradução segundo a literatura. Disso, temos as diferenças interculturais entre sistemas linguísticos que são grandes fatores para a tradução de linguagem figurada. Essas diferenças podem ser melhor explicadas através dos postulados de Kövecses (2005) sobre a variação metafórica, como veremos em maior detalhe na subseção 1.4. É importante observar aqui, contudo, que a universalidade ou a especificidade cultural não são categorias fechadas, e as metáforas podem apresentar maior fator cultural ou universal conforme cada caso específico, como em um *continuum* de universalidade.

Assim, diante de um fenômeno complexo e de várias facetas, este trabalho aborda tradução da metáfora na língua, que, por sua vez, é o reflexo da metáfora no pensamento (STEEN, 2014). Por isso, ela é tão importante para o texto traduzido quanto para o original. Entretanto, ela não é o único fenômeno aqui estudado. Como veremos, outra figura de linguagem, a metonímia, também influencia nosso sistema conceitual e é parte essencial dos estudos da linguagem figurada.

1.2 Metonímia

Assim como a metáfora, a metonímia é tratada na Linguística Cognitiva como uma das características básicas da cognição, e não como uma série de ocorrências

arbitrárias, aleatórias ou isoladas. Ela também conceitualiza e estrutura nossos pensamentos e está presente em peso na linguagem do cotidiano. Frequentemente, a metonímia é interpretada como linguagem literal por leigos, já que sua figuratividade não é tão óbvia quando outras figuras de linguagem. Isso pode ser explicado pelo fato de que a metonímia é constituída de mapeamentos entre um mesmo domínio conceitual.

Enquanto na metáfora existe uma relação de entendimento de uma coisa em termos de outra, em uma metonímia há uma operação conceitual na qual uma entidade ou coisa é empregada para identificar ou fornecer acesso mental a outra pertencente a um mesmo domínio, funcionando como um ponto de referência. Mais precisamente, de acordo com Barcelona (2009), podemos definir a metonímia como uma projeção conceitual em que um domínio (alvo) é parcialmente entendido em termos de outro domínio (fonte ou veículo), enquanto ambos fazem parte do mesmo domínio experiencial¹. A relação metonímica se dá quando o subdomínio fonte/veículo é parte do alvo ou fortemente associado a ele em dado domínio conceitual. Portanto, é possível dizer que, enquanto a metáfora apresenta relações de similaridade ou correspondência entre os domínios, a metonímia tem foco na contiguidade.

Geralmente, a entidade fonte é de mais fácil compreensão, reconhecimento ou lembrança, ou mais útil em relação ao propósito específico do falante em tal contexto (LAKOFF, 1987). Por exemplo, na frase “O macarrão com molho pagou em dinheiro”, proferida em um contexto de restaurante, quer dizer que a pessoa que consumiu macarrão com molho pagou pela refeição em dinheiro. Já que nesse contexto os funcionários do restaurante provavelmente não sabem o nome do cliente e estão mais preocupados com os produtos com os quais trabalham, faz sentido que utilizem uma expressão mais facilmente reconhecível para se referirem aos consumidores. Portanto, “macarrão com molho” está para o cliente na metonímia conceitual PRODUTO PELO USUÁRIO.

Como é o caso nesse exemplo, a metonímia é referencial por natureza. Ela identifica alguém ou algo para que possamos falar dessa entidade sem utilizarmos o termo exato ou específico, que presumivelmente demandaria mais esforço cognitivo e comunicativo. Porém, a função referencial não é a única que a metonímia exerce. De certo modo, ela também fornece um entendimento entre as entidades. Lakoff e Johnson

¹ Neste trabalho, utilizaremos os termos ‘subdomínio’ e ‘entidade’ ao invés de ‘domínio’ para que não haja confusão entre o domínio conceitual maior que abrange ambos os subdomínios da metonímia.

(1980) usam um exemplo da metonímia conceitual PARTE PELO TODO. Quando dizemos que precisamos de ‘cabeças boas’ para um projeto e nos referimos a ‘pessoas inteligentes’, poderíamos ter escolhido utilizar qualquer outra das várias partes do todo. Entretanto, a parte que escolhemos mencionar determina qual aspecto do todo que estamos focando. Assim, o fato de usarmos essa parte específica (cabeça) para representar as pessoas não é aleatório, e sim destaca uma característica das pessoas que é associada a essa parte; a inteligência (Ibid., p.36). O mesmo funciona com outras metonímias conceituais. Assim, apesar de servir a propósitos de referenciação, a metonímia também nos permite focar em aspectos específicos do que está sendo referido e, assim, fornece certo entendimento sobre os domínios envolvidos (LAKOFF e JOHNSON, 1980).

Inegavelmente, nesse e em tantos outros aspectos, o fenômeno da metonímia se assemelha e por vezes se mistura ao fenômeno da metáfora. Ainda assim, por hipótese, ela seria menos difícil de traduzir devido à forte relação entre seus subdomínios. De qualquer forma, a dimensão conceitual de ambos os fenômenos é o que as torna tão semelhantes, importantes e influentes. Essa influência, por sua vez, faz com que elas estejam presentes em outras figuras de linguagem, conforme será abordado na seguinte subseção.

1.3 Expressões Idiomáticas

As expressões idiomáticas (EI) podem ser definidas como “construções figuradas institucionalizadas, consideravelmente fixas e com duas ou mais palavras que têm função primariamente discursiva e ainda podem apresentar idiosincrasias”² (LANGLOTZ, 2006). O conceito é bastante amplo, mas, como categoria, elas apresentam um *continuum* de significação, ou seja, algumas expressões podem ser mais ou menos idiomáticas. O sentido de uma EI não é previsível somente por regras gramaticais ou pelo vocabulário da língua, e elas não são necessariamente arbitrárias e podem ser motivadas (inclusive por outras figuras de linguagem), indo de expressões bastante opacas a outras mais transparentes.

A maior contribuição da LC para o estudo das EI é a noção de que elas são expressões pelo menos parcialmente motivadas. Essas motivações podem ser

² “Idioms are considerably fixed, institutionalized figurative constructions with two or more words that have a primarily discursive function and may also feature idiosyncrasies”.

metafóricas, metonímicas ou baseadas em conhecimentos convencionais (KÖVECSES, 2010). Por exemplo, as expressões “cuspir fogo”, “estar explodindo de raiva” e “soltar fogo pelas ventas” são expressões idiomáticas bastante convencionalizadas no português e parecem atualizar as metáforas conceituais RAIVA É UMA SUBSTÂNCIA EM UM CONTAINER e O CORPO É UM CONTAINER PARA AS EMOÇÕES. Enquanto isso, “estar com as mãos atadas” e “dar uma mãozinha” e “mãos à obra” são pelo menos parcialmente motivadas pela metonímia conceitual AS MÃOS PELA ATIVIDADE, que, por sua vez, tem base no fato de que boa parte das atividades humanas é feita com as mãos. Portanto, metáforas e metonímias podem influenciar, motivar e ainda servir de base para o entendimento das EI no discurso cotidiano (GIBBS et al. 1997).

Ainda assim, algumas EI parecem não apresentar mapeamentos conceituais. Nesses casos, a motivação pode estar em algum aspecto cultural específico. Em “cair a ficha”, EI bastante convencionalizada no Brasil, a motivação não é claramente metafórica ou metonímica, mas sim acontece através de conhecimentos de mundo genéricos. Essa EI especificamente advém do fato de que, anos atrás, para poder usar um telefone público, se utilizava uma ficha e, assim que essa ficha caísse, literalmente, a ligação era completada. Naturalmente, as pessoas mais jovens, que não tiveram contato com tais telefones, não associam a expressão à sua origem, mas a compreendem e a usam no cotidiano sem maiores problemas. A perda de origem dessas expressões acontece com bastante frequência e, não por acaso, geram expressões mais opacas, como “bater as botas” e “enfiar o pé na jaca”. É possível ainda que algumas EI tenham sido metafóricas no passado e, com o tempo, tenham perdido o acesso aos mapeamentos que eram atualizados (GIBBS et al., 1997). Esses tipos de EI, portanto, não estarão presentes nas análises deste estudo, já que não envolvem mapeamentos subjacentes.

A dificuldade na tradução das expressões idiomáticas, portanto, tem seus possíveis mapeamentos subjacentes como fatores determinantes. Por causa dessa natureza potencialmente influenciadora das metáforas e das metonímias, neste estudo, nos referiremos muitas vezes a apenas esses dois fenômenos. Entretanto, esses podem sim estar presentes em forma de expressões idiomáticas, ou ainda em outros tipos de figuras de linguagem. Assim, e como veremos a seguir, a linguagem figurada em geral não é uma categoria estática e pode apresentar variações.

1.4 Variação metafórica e metonímica

Como esperado, os fenômenos neste estudo podem sofrer variações culturais que, por consequência, podem afetar o trabalho de tradução. A literatura no âmbito da LC descreve variações intraculturais e, mais importantes para esta pesquisa, interculturais. Kövecses (2010) lista três tipos de variação intercultural: i) em relação à gama existente de metáforas e metonímias conceituais para um domínio alvo, ii) em relação a elaborações linguísticas específicas de metáforas e metonímias conceituais para atualizar um domínio alvo, e iii) em relação à ênfase dada na metáfora ou na metonímia associada a um domínio alvo.

O primeiro tipo de variação diz respeito à extensão de domínios possíveis utilizados em dada cultura para expressar um alvo específico. Como exemplo, Kövecses (2010) argumenta que a língua zulu tem muitas metáforas conceituais relacionadas a raiva que são equivalentes às da língua inglesa. Ainda assim, o zulu apresenta a metáfora A RAIVA É NO CORAÇÃO, diferentemente do inglês. Também existem diferenças na metonímia. No inglês, as expressões para raiva incluem calor corporal, agitação e interferência na percepção; aspectos que também existem na língua zulu, porém com acréscimo de náusea, problemas na respiração, choro, entre outros. O fato de que o domínio da RAIVA pode ser conceitualizado de mais formas em uma língua e menos em outra marca esse tipo de variação intercultural.

O segundo tipo de variação está relacionado às elaborações específicas de cada cultura em relação a uma metáfora ou metonímia. Por exemplo, o húngaro utiliza expressões que descrevem a raiva como uma substância queimando em um cano. Apesar de essa elaboração específica atualizar as metáforas O CORPO É UM CONTAINER PARA AS EMOÇÕES e RAIVA É FOGO, presentes em várias línguas, a ideia de cano parece ser empregada somente em húngaro (Ibid., p. 216). Esta seria um exemplo também de metáfora congruente (KÖVECSES, 2005), definida como as que partem de metáforas potencialmente universais e genéricas e as especificam conforme seja coerente nessa cultura. Por outro lado, em relação à variação na elaboração de metonímias, podemos mencionar a utilização dos olhos na conceitualização de emoções, conforme os exemplos de Kövecses (2010). Enquanto muitas línguas ocidentais têm o brilho ou a luz dos olhos como indicativos de felicidade, o chinês frisa o papel das sobrancelhas para representar essa emoção (Ibid., p. 218).

Já o terceiro tipo de variação descrita por Kövecses é a relação intercultural entre metáfora e metonímia. Algumas línguas podem conceitualizar um dado domínio predominantemente através de metáforas, e outras, de metonímias. Ao passo que o inglês usa mais metáforas para entender o conceito de raiva, por exemplo, as línguas zulu e chinesa usam mais metonímias (Ibid., p. 219).

A variação metafórica e metonímia intercultural é parcialmente causada por diferenças gerais entre culturas (KÖVECSES, 2010). Línguas e culturas diferentes podem ter motivações diferentes para mapeamentos de domínios alvo parecidos, como é o caso do português brasileiro e do inglês americano, que têm esportes populares diferentes, futebol e beisebol, e, por isso, motivações diferentes para as metáforas. Ainda assim, ambas culturas podem chegar ao sentido alvo de “se dar bem” caso utilizem atualizações linguísticas baseadas nos domínios de cada esporte: no Brasil, “fazer um gol”, e nos Estados Unidos, “to get to 1st, 2nd and 3rd base”, por exemplo. Essas motivações, portanto, levam à utilização de domínios diferentes entre as línguas para dizer (quase) a mesma coisa.

Além de fatores culturais gerais, as diferenças no ambiente físico em que cada cultura se encontra também têm papel na variação metafórica e metonímica. As especificidades do ambiente podem modelar a maneira como os falantes veem o mundo e, portanto, como o descrevem. Uma cultura que tem mais contato com animais selvagens, por exemplo, tende a usar mais metáforas que envolvam estes animais em comparação a culturas mais urbanas. Este é o caso do africâner, como Dirven (1994) concluiu ao compará-lo ao holandês. Existe uma maior ocorrência de expressões envolvendo animais e natureza no idioma da África do Sul. O mesmo tipo de variação pode ser observado se compararmos épocas diferentes, como é o caso do texto original do conto aqui analisado e das suas traduções.

Portanto, apesar da metonímia ainda ser menos abordada do que a metáfora também nessa área, ambos os fenômenos apresentam padrões diferentes em línguas e culturas diversas. Esses obviamente são fatores importantes a se considerar em um trabalho de tradução, atividade que por si só já é complexa. Desta forma, ainda é necessário discutir parte importante deste estudo: a própria tradução.

2 O QUE É TRADUÇÃO

A tradução, fenômeno tão antigo quanto a linguagem, foi estudada à luz de diversas perspectivas ao longo do tempo. Numa visão tradicional, por exemplo, que evidentemente pressupõe certa concepção de linguagem, a tradução é vista como um transporte de cargas em um trem. Assim, os sentidos deveriam ser “carregados” de uma língua a outra, de forma que, na chegada, o sentido estivesse intacto (cf. CATFORD, 1965). Em perspectivas mais contemporâneas, entretanto, a visão sobre a prática da tradução começou a mudar. Conforme teorias que consideram a subjetividade na linguagem e no texto foram crescendo, a tradução começou também a ser vista por estudiosos como um trabalho subjetivo.

Nos anos 80, por exemplo, algumas abordagens viam a tradução como um texto independente induzido ou baseado no texto original (ou fonte), diferindo de perspectivas que tratavam a tradução como uma simples transferência de signos linguísticos. Assim, o texto em sua totalidade era uma unidade de tradução, incluindo seus sentidos em uma situação ou cultura específicos, e a equivalência tinha foco em função comunicativa (cf. NEUBERT, 1985). Na metade da década seguinte, a abordagem funcionalista tomou forma, propondo que uma tradução seria bem sucedida caso reproduzisse os mesmos propósitos do texto original (cf. NORD, 1997). Assim, a tradução dependia de uma equivalência na intenção, e não necessariamente na estrutura do texto. Essas abordagens, entretanto, parecem um tanto extremas, portanto serão aqui substituídas por um meio termo.

Em um tratamento bastante prático da tradução, Umberto Eco, em *Quase a mesma coisa*, examina a definição clássica da tradução de “dizer a mesma coisa na outra língua” (ECO, 2007, p. 9). Ele problematiza principalmente as noções de “como dizer” e o que é essa “coisa” que o texto diz. Já que dizer exatamente a mesma coisa em outra língua parece impossível, Eco chega à conclusão de que se deve dizer *quase* a mesma coisa, tendo esse “quase” certa flexibilidade. Segundo ele, o requisito mínimo para uma boa tradução seria traduzir o sentido mais básico ou central (ou o Conteúdo Nuclear, em sua nomenclatura) que cada palavra, sintagma ou frase evoca no leitor. Eco ainda afirma que, para traduzir, é preciso levantar hipóteses sobre “o mundo possível” a qual o texto pertence (Ibid., p. 50). Um tradutor, portanto, deve fazer suposições sobre esse mundo em que o texto faz sentido, porque assim terá uma ideia melhor dos seus significados, e só depois proceder à tradução.

Essas suposições obviamente dão ao processo tradutório certa subjetividade. Arrojo (2007), grande defensora da subjetividade do texto, aponta para o fato de que a tradução como um todo é subjetiva: “Mesmo que tivermos como único objetivo o resgate das intenções originais de um determinado autor, o que somente podemos atingir em nossa leitura ou tradução é expressar *nossa visão* desse autor e de suas intenções” (Ibid., p. 41). Isso acontece porque não estamos livres de olhar o mundo através de nossos próprios olhos. A autora defende ainda que o leitor não é “dono” de sua própria interpretação, nem o autor é dono de seu texto; ambos têm bagagens que influenciam nesses processos. Mesmo os teóricos de tradução que defendem uma tradução funcionalista do texto acabam por chegar ao mesmo problema, já que para traduzir o efeito do texto, o tradutor usa sua visão de mundo para interpretá-lo (ECO, 2007).

Apesar de reconhecer essa subjetividade, Eco (2007) é um pouco mais objetivo em relação ao sentido e suas interpretações possíveis. Para ele, o sentido de um termo é tudo aquilo que se pode inferir a partir dele. Levando em conta que, entre as línguas, palavras aparentemente sinônimas por vezes não permitem todas as mesmas inferências, fica claro que, na maioria das vezes, não é possível achar soluções que traduzam todos os sentidos possíveis de uma língua a outra. Por isso, Eco (2007) defende que deve-se negociar. Essas negociações dependem obviamente da interpretação que cada tradutor faz do texto, mas devem acontecer justamente porque as possibilidades de tradução são mais restritas do que as possibilidades de interpretação que um leitor pode ter da obra. “O universo das interpretações é mais vasto que o das traduções”, segundo ele (Ibid., p. 275). Por isso, traduzir é sempre podar alguns dos significados possíveis, e cabe ao tradutor fazer escolhas bem pensadas para que se perca o mínimo e o menos importante quanto possível.

Essas negociações podem acarretar em perdas ou ganhos. Eco dá o exemplo de um texto literário que traduziu do francês para o italiano e no qual se deparou com a palavra ‘bouquet’ (buquê). Segundo ele, em italiano não existe uma palavra que sirva particularmente para flores e que transmita também certa ideia de perfume e beleza como a palavra francesa. Esse é um caso de perda, já que não houve maneira de remeter diretamente às mesmas inferências que ‘bouquet’ remete aos franceses com uma palavra do italiano cujo custo-benefício fosse satisfatório (Ibid., p. 111). Ainda assim, há também casos em que compensações funcionaram bem, sem que o tradutor

melhorasse o texto, mas sim com que ele aproximasse mais a tradução ao que o texto fonte infere.

Também de acordo com Eco, o sentido conotativo tem papel importante para a tradução. Uma escolha tradutória pode muito bem atender ao sentido referencial, mas não ser equivalente em relação à conotação do texto fonte. Para ilustrar essa ideia, o autor menciona as diferentes conotações que ‘father’, ‘dad’ e ‘daddy’ podem ter em inglês enquanto mantêm a equivalência referencial. Da mesma forma, uma expressão figurada também pode trazer conotações diferentes das literais, o que pode se tornar um problema para a tradução. Ao traduzir termos literais ou linguagem figurada, portanto, o tradutor deve tomar cuidado para alcançar também a equivalência conotativa, que pode mudar conforme o contexto.

Assim, ao lidar com culturas e fazer um trabalho multilinguístico, o tradutor deve estar ciente de que não existe um “certo ou errado” na tradução, e que toda interpretação é feita com subjetividade. Do mesmo modo, cada tradução serve a propósitos específicos, e cada tradutor tem suas interpretações e escolhas próprias mais ou menos livres de acordo com aquilo que se propõe. Com isso, propomos neste trabalho que a tradução seja vista como uma tentativa de possibilitar ao leitor inferir as mesmas interpretações possíveis do texto original, a exemplo das definições de Eco (2007). Isso leva, obviamente, a desafios principalmente quando se trata de cultura e linguagem figurada. Em se tratando dessas, as teorias cognitivas têm também ganhado espaço (cf. SCHÄFFNER, 2004), como veremos na próxima subseção, apesar de ainda estarem dando seus primeiros passos em direção a uma teoria de tradução.

2.1 O desafio da tradução de linguagem figurada

Nos estudos mais famosos de tradução geral, em que os autores elencavam técnicas ou modalidades do processo tradutório, a linguagem figurada apenas aparecia em exemplos de más traduções ou erros (cf. AUBERT, 1998; HURTADO ALBIR, 2005). A causa disso vem certamente da dificuldade de traduzir expressões figuradas de uma língua para outra. Mesmo que os tradutores conheçam as expressões com as quais se deparam em um texto, ainda existem fatores que dificultam o processo de tradução. Nesta subseção, veremos alguns dos estudos que discutem esses fatores e as dificuldades em se traduzir linguagem figurada.

Como em quase todas as áreas, a metáfora é a figura de linguagem que mais tem recebido atenção nos estudos de tradução. Steen (2014), por exemplo, defende que algumas metáforas são mais difíceis de traduzir do que outras. Segundo ele, as metáforas primárias, apresentadas anteriormente, e as deliberadas, as que são produzidas e explicadas no discurso, são por natureza mais facilmente traduzidas palavra-por-palavra ou por metáforas equivalentes na língua alvo. As metáforas complexas apresentariam mais desafios à tradução, já que não explicitam a relação de analogia entre os domínios e que dependem mais da cultura.

Mais especificamente, os estudos baseados na perspectiva da LC têm diferenciado os casos em que as línguas apresentam mapeamentos similares para representarem dada projeção metafórica dos casos em que as duas línguas têm mapeamentos dissonantes (MANDELBLIT, 1995; STEEN, 2014; KÖVECSSES, 2014). Assim, existe um certo consenso de que a dificuldade da tradução está nos casos em que as línguas envolvidas usam domínios conceituais diferentes para expressar ideias parecidas.

Mandelblit (1995), uma das pioneiras nos estudos de tradução na perspectiva da LC, postulou essa hipótese sob o nome de “Cognitive Translation Hypothesis” (Hipótese da Tradução Cognitiva, numa tradução livre). Segundo ela, em casos em que as línguas envolvidas usam domínios fontes diferentes para expressar o mesmo domínio alvo, o processo de busca por um equivalente pode exigir uma mudança conceitual consciente por parte do tradutor (Ibid., p. 486). A tradução, segundo ela, pode envolver não somente uma mudança linguística, mas uma mudança conceitual. Quando as línguas usam mapeamentos similares entre os domínios, por outro lado, os tradutores não enfrentariam grande desafio.

Indo além da postulação da hipótese, Mandelblit (1995) fez um estudo empírico para testá-la. Quatro tradutores profissionais e oito estudantes bilíngues de graduação de uma universidade na Califórnia, EUA, traduziram 23 expressões metafóricas sobre o tempo. Metade dos participantes eram franceses e a outra metade eram americanos, e cada um traduziu da língua estrangeira (inglês ou francês) para sua língua materna. Algumas variáveis foram controladas, tais como a competência do tradutor em ambas as línguas e seu nível de familiaridade em relação à expressão, já que o resultado da tradução também pode ser influenciado por esses fatores. Enquanto traduziam, o tempo de reação dos participantes para cada expressão foi medido. Os resultados

demonstraram que os sujeitos demoram significativamente mais tempo para chegarem a uma tradução considerada satisfatória por eles mesmos nas expressões com mapeamentos diferentes entre as línguas (com tempo médio de 30 segundos, enquanto o tempo médio das condições similares entre línguas era de dois segundos). Essas evidências corroboram a hipótese de Mandelblit e reforçam a noção de que mapeamentos diferentes apresentam maior dificuldade aos tradutores.

Sendo essa hipótese bastante aceita na LC, alguns trabalhos foram desenvolvidos a partir dela. Kövecses (2014), por exemplo, estende essa noção e cita três tipos principais de divergências entre línguas que têm papel importante no nível de dificuldade da tradução de linguagem figurada: diferenças na expressão literal, diferenças no sentido figurado e diferenças no mapeamento conceitual subjacente. Enquanto a equivalência conceitual seria a mesma proposta por Mandelblit, o sentido mais relevante para a tradução seria o figurado, que pode ou não derivar de equivalências conceituais e literais entre as línguas, mas que definiria a qualidade de uma tradução, já que o figurado é o sentido “genérico” de uma expressão figurada. A equivalência no sentido literal, por sua vez, seria a equivalência palavra por palavra da expressão.

Além disso, Kövecses (2014) ainda descreve tipos de sentido que são importantes para uma boa tradução de metáfora, mas que podem ser ampliados para outros tipos de figuras de linguagem: o sentido geral de uma expressão, que diz respeito principalmente ao seu domínio alvo; o sentido específico, relacionado às correspondências entre os domínios alvo e fonte e às relações específicas entre esses domínios; e o sentido conotativo, já mencionado aqui como fator importante em uma tradução e definido por Kövecses como a relação entre o sentido de uma expressão metafórica e as inferências que podemos fazer a partir dele com nosso conhecimento de mundo. Por exemplo, a expressão “cuspir fogo” tem como sentido geral expressar que alguém está com raiva e como sentido específico os aspectos mais característicos do mapeamento, como a intensidade da raiva, quem é o agente, a causa, etc, caso essas informações estejam presentes no contexto. Da mesma forma, o sentido conotativo dessa expressão envolve o fato de que a raiva está prestes a sair de controle, de que o fogo (e, portanto, a raiva) é perigoso, de que pode queimar os envolvidos, e assim por diante. Todos esses sentidos, segundo o autor, devem ser considerados durante o processo tradutório.

A respeito de outros fenômenos, por outro lado, poucos estudos descrevem as dificuldades ou estratégias mais utilizadas quando traduzindo metonímias. Brdar e Brdar-Szabó (2014), pioneiros nessa área, investigam traduções entre inglês, croata e húngaro, e elencam três formas de traduzir uma metonímia: i) substituindo-a por uma metonímia cognata (equivalente), ii) por uma metonímia diferente ou iii) por uma expressão não metonímica. Em comparação à metáfora, Brdar e Brdar-Szabó também defendem que, por definição, a distância conceitual entre os domínios na metonímia são menores e, por isso, elas seriam relativamente mais fáceis de traduzir. Visto que outros estudos empíricos que deem conta do status da metonímia na tradução são desconhecidos, presumimos aqui que o postulado de Mandelblit para as metáforas seja também aplicável. Dessa forma, hipotetizamos que, caso as línguas apresentem domínios fonte diferentes para um mesmo alvo, a tradução seria mais difícil.

Brdar e Brdar-Szabó, por exemplo, apontam também que as razões para não se traduzir uma metonímia por outra pode estar associada à estrutura da expressão. Existem, portanto, desafios na tradução causados por diferenças linguísticas em relação à falta de sentidos figurados convencionalizados no léxico da língua alvo para domínios específicos. Ou seja, é possível que as metáforas e metonímias não existam ou sejam menos convencionais na língua alvo devido à organização sintática ou morfológica da língua. Isso pode acarretar em diferentes escolhas, inclusive literais, pelos tradutores para dar conta de expressões figuradas. Essas dificuldades podem também afetar a tradução de EI. Segundo Termignoni (2015), esse é um fator importante no caso desse fenômeno, já que duas EI em línguas diferentes raramente têm o mesmo valor nessas culturas.

Além disso, as escolhas dos tradutores para traduzir linguagem figurada podem ainda estar relacionadas com características específicas do discurso dos textos envolvidos, que podem levar o tradutor a preferir traduzir uma expressão originalmente metafórica para uma não metafórica ou vice-versa (STEEN, 2014). As motivações para as traduções, portanto, levam em conta não somente aspectos culturais, mas textuais, já que aspectos do discurso podem levar a uma escolha tradutória que priorize a fluência do texto traduzido. Com isso, temos os desafios da tradução em geral afetando a tradução da linguagem figurada.

Dadas essas noções, fica clara a importância do estudo da tradução da linguagem figurada para esclarecer esses aspectos ainda dúbios sobre a tradução de metáforas e,

principalmente, metonímias. Este trabalho faz, portanto, uma tentativa de esclarecer esses aspectos através da análise de trabalhos já publicados. Ao avaliar o produto final do processo de tradução, buscamos entender como os tradutores lidam com esse tipo de linguagem na prática.

3 MÉTODO

A metodologia adotada decorreu do objetivo central deste trabalho, que é analisar traduções de linguagem figurada. Para isso, os procedimentos incluíram a busca por figuras de linguagem no conto original de Arthur Conan Doyle que potencialmente dificultariam a tradução desses trechos. Uma vez selecionadas as expressões, as escolhas dos diferentes tradutores foram comparadas e também analisadas quanto à figuratividade. Entretanto, a identificação dessas figuras de linguagem não é tarefa simples. Embora métodos de medida e identificação de construtos não sejam muito utilizados nas áreas de humanidades, é útil que haja neste estudo uma padronização do que se considera por metáfora e metonímia.

O processo de seleção das expressões aqui analisadas se deu com base no método para identificação de metáforas linguísticas de Steen et al. (2010), o MIPVU (Metaphor Identification Procedure - Vrije Universiteit³). Este foi desenvolvido a partir de um método já existente, o Procedimento para Identificação de Metáforas, ou PIM (Grupo Pragglejaz, 2007). Steen et al. (2010), entretanto, fazem críticas ao procedimento original, principalmente a sua descrição, e apresentam uma versão expandida e revisada, aqui simplificada conforme nossos propósitos:

- Encontre unidades lexicais potencialmente metafóricas através da análise de palavra por palavra do texto;

- Se o uso desta unidade for indireto e puder ser explicado através de algum tipo de mapeamento entre domínios, sendo um deles mais básico (mais concreto, corpóreo ou preciso), a palavra está sendo usada metaforicamente.

- Se, após identificado, o sentido contextual for distinto do sentido mais básico mas relacionado a ele por algum tipo de similaridade, temos uma metáfora indireta.

As metáforas indiretas, para Steen et al. (2010), são as mais prototípicas, que não explicitam no discurso a relação entre domínios. O MIPVU ainda aborda casos de metáforas diretas (deliberadas ou símiles, por exemplo) e implícitas (gramaticais), mas estas não serão abordadas neste estudo por não apresentarem, segundo a literatura, grandes desafios à tradução. O procedimento ainda leva em conta casos limite, em que não podemos definir uma metáfora com certeza. Nesses casos, os autores aconselham considerá-los metafóricos ('When In Doubt, Leave It In' ou WIDLII). Ainda assim,

³ Procedimento para a Identificação de Metáforas da Universidade Livre de Amsterdã, Holanda.

reconhecemos que a metaforicidade se dá em um *continuum*, mesmo que, para fins de análise, seja necessário definirmos bem o objeto tratado.

Por outro lado, a metonímia é somente mencionada no MIPVU como um fator que pode interagir com a metáfora. Da mesma forma, não existe nenhum procedimento para a identificação das metonímias na literatura da LC. Assim, o método que decidimos propor aqui é bastante similar ao da metáfora, mas com as seguintes adaptações: i) ao invés de um mapeamento entre dois domínios, temos um mapeamento entre dois sentidos (subdomínios) fortemente relacionados que fazem parte de um domínio abrangente (ou matriz), com menor ênfase na distinção entre esses sentidos; e ii) a relação entre eles não é de similaridade, mas de contiguidade.

As definições dos sentidos, tanto nos casos metafóricos quanto metonímicos, foram baseadas em dicionários online⁴. A partir dessas definições, as relações entre sentidos eram identificadas, assim chegando à conclusão de termos uma metáfora ou uma metonímia. É importante ressaltar também que o MIPVU é um método para a identificação de metáforas linguísticas, embora as comparações entre sentidos (ou domínios) necessários no procedimento sejam conceituais. Portanto, a categorização das atualizações linguísticas em metáforas ou metonímias conceituais ainda é trabalho específico do pesquisador, que obviamente conta com a ajuda de dicionários e outros textos-guia da LC (cf. GRADY, 1997; KOVECSES, 2010).

Assim, neste estudo, após o procedimento de identificação, as figuras de linguagem eram categorizadas quanto ao tipo e ao mapeamento e tabeladas para que as traduções pudessem ser checadas (Apêndices A, B e C). Os casos mais exemplares ou prototípicos das traduções do *corpus* e as propostas de tradução mais interessantes, portanto, eram selecionadas para compor a análise.

⁴ Por exemplo, no português, Aulete (disponível em: <<https://www.aulete.com.br/>>) e Dicio (disponível em: <<https://www.dicio.com.br/>>), e The Free Dictionary (<<http://www.thefreedictionary.com/>>) no inglês.

4 ANÁLISE

Após os procedimentos metodológicos, apresentamos aqui as análises em relação às traduções de trechos do conto. A análise se dará tematicamente, começando pelas metáforas, passando por metonímias e indo até expressões mais complexas que apresentam mapeamentos metafóricos e metonímicos em expressões idiomáticas. Por razões didáticas, as análises estarão divididas em subseções.

4.1 Mapeamentos metafóricos

Nesta subseção, focaremos nas expressões que apresentam mapeamentos metafóricos. Como se sabe, por vezes não é possível isolar um fenômeno da linguagem figurada de outros, portanto trataremos aqui de predominância. Assim, apresentamos abaixo os trechos metafóricos originais e as soluções encontradas pelos tradutores do conto.

Em alguns casos, uma tradução ao pé da letra que mantém os mapeamentos do texto original é perfeitamente possível. Por exemplo, para o trecho “Sit down in your arm-chair, Doctor, and **give** us your best attention” (DOYLE, 1994, p. 8), ambos os tradutores apresentaram a mesma elaboração metafórica: na primeira, de Maria Luiza Borges, temos “dê-nos o melhor de sua atenção” (BORGES, 2010, p. 76), e na segunda, de Hamílcar de Garcia, “dê-nos sua melhor atenção” (GARCIA, 1985). Assim, a metáfora conceitual ATRIBUTOS SÃO POSSES foi seguida em ambos os casos, provavelmente porque sua própria natureza primária não denuncia a metaforicidade da expressão tão facilmente. Em outro trecho, o mesmo aconteceu, embora com pequenas mudanças. Do original “I was already **deeply** interested in his inquiry...” (DOYLE, 1994, p. 14), temos “Já estava profundamente interessado naquela investigação” (BORGES, 2010, p. 82) e “Tinha profundo interesse pelo caso” (GARCIA, 1985). Portanto, ambos mantiveram o mapeamento INTENSIDADE É PROFUNDIDADE, ainda que com algumas mudanças sintáticas e morfológicas por Garcia.

Contudo, mesmo quando é possível manter o mapeamento e a elaboração do trecho original na tradução, os tradutores podem optar por outras expressões. Temos, por exemplo, no texto original um membro da aristocracia lamentando apaixonar-se por uma mulher de uma classe social mais baixa: “Is it not a pity that she was not on my **level**?” (DOYLE, 1994, p. 28). A tradução de Borges seguiu a mesma elaboração linguística e mapeamento, como vemos em “Não é uma pena que não fosse do meu

nível?” (BORGES, 2010, p. 95), enquanto a segunda utilizou um mapeamento parecido e apresentou uma elaboração diferente: “Pena que não seja da minha posição!” (GARCIA, 1985). Pode-se dizer que o mapeamento apresentado na versão original e na primeira tradução é STATUS SOCIAL É ELEVAÇÃO VERTICAL, que funciona bem linguisticamente em ambas as línguas. Mesmo assim, Garcia escolheu não utilizar a palavra “nível”, e sim “posição”, adaptando o mapeamento para STATUS SOCIAL É POSIÇÃO, que é um pouco mais genérico, já que não infere nenhum tipo específico de posição (como ‘vertical’ infere, por exemplo).

Em um caso de personificação, Garcia também optou por uma expressão diferente do original quando era possível traduzir palavra por palavra. No trecho original, onde Sherlock demonstra sua habilidade perceptiva, temos a caracterização dos olhos como uma pessoa: “My eyes **tell me** that on the inside of your left shoe [...] the leather is scored by six almost parallel cuts” (DOYLE, 1994, p. 5). Na primeira tradução, a estrutura foi mantida, assim como o mapeamento conceitual, como vemos: “Meus olhos me dizem que no lado interno do seu sapato esquerdo [...] o couro está riscado por seis cortes quase paralelos” (BORGES, 2010, p. 74). Já na tradução de Garcia, essa estrutura comum em ambas as línguas não foi seguida: “Vejo que do lado de dentro do seu sapato esquerdo [...] o couro está marcado com seis cortes paralelos”. Embora a personificação pareça ser uma forma básica e potencialmente universal da metáfora, sendo perfeitamente usual no português nesse caso, um dos tradutores escolheu utilizar uma construção literal. Com isso, é possível concluir que somente a possibilidade de elaboração metafórica não garante que o tradutor opte por ela.

Outro cenário em que os tradutores poderiam ter optado por utilizar o mesmo mapeamento com naturalidade em português está relacionado à metáfora conceitual CONFLITO É GUERRA. No segmento original, temos: “...how the best plans of Mr. Sherlock Holmes were **beaten** by a woman’s wit” (DOYLE, 1994, p. 28-29). Aqui, um tradutor que propusesse palavras como ‘vencidos’ e ‘derrotados’ utilizaria o mesmo mapeamento do texto original. Entretanto, ambos os tradutores, interessadamente, optaram pela mesma construção sintática e vocabulário em geral, como vemos: “...que os melhores planos de Mr. Sherlock Holmes foram frustrados pela sagacidade de uma mulher” (BORGES, 2010, p. 96); e “...os melhores planos de Sherlock Holmes foram frustrados pela sagacidade de uma mulher” (GARCIA, 1995). O uso da palavra

‘frustrados’ aqui pode apresentar personificação, não sendo exatamente literal, mas ainda assim estando em dissonância com o mapeamento do trecho original.

Como este, há muitos casos em que o mapeamento do segmento original não foi bem aproveitado e as soluções propostas pelos tradutores foram totalmente literais. É o que acontece em duas ocorrências da metáfora primária SABER É VER, que implicitamente fazem relação ao fato de que enxergamos melhor quando está claro. No texto de Conan Doyle, quando Sherlock está prestes a contar seu plano a Watson, temos: “When Mrs. Turner has brought the tray I will make it **clear** to you” (DOYLE, 1994, p. 19). Enquanto a palavra ‘esclarecer’, por exemplo, teria sido uma opção mais equivalente à fonte e ainda aceitável no texto em português, ambos os tradutores optaram pelo verbo ‘explicar’: “Depois que Mrs. Turner tiver trazido a bandeja eu lhe explicarei” (BORGES, 2010, p. 86) e “Depois que a Sra. Turner trouxe a bandeja, explico-lhe tudo” (GARCIA, 1985). Ainda no âmbito da mesma metáfora conceitual, temos outra atualização linguística: “I’m still **in the dark**” (DOYLE, 1994, p. 23). Do mesmo modo, as traduções foram literais: “Continuo sem entender” (BORGES, 2010, p. 91) e “Não compreendo” (GARCIA, 1985). Essa construção seria mais difícil de transpor para o português, mas, ainda assim, que as opções não foram exploradas pelos tradutores.

Além disso, é possível perceber que em muitos dos casos, os tradutores abrem mão de uma tradução mais equivalente em relação à linguagem figurada para poderem seguir a mesma estrutura do trecho original. Uma dessas expressões situa-se no seguinte trecho: “At present it is not too much to say that it is **of such weight** that it may have an influence upon European history” (DOYLE, 1994, p.9), que atualiza a metáfora conceitual IMPORTÂNCIA É PESO. Enquanto isso, as traduções ficaram no âmbito da literalidade. Na primeira, temos: “No momento, não é exagero dizer que ele é de tal gravidade que pode ter influência sobre a história européia” (BORGES, 2010, p. 78); enquanto a segunda segue da seguinte maneira: “Atualmente, não é exagero dizer que é tão importante que pode influenciar a história da Europa inteira” (GARCIA, 1985). Apesar de termos em português expressões que atualizem essa metáfora (p. ex. “Este é um problema substancial” ou “Este é um problema de peso”), as atualizações linguísticas convencionais para esse caso específico em português talvez exigissem pequenas mudanças sintáticas que ocasiona uma certa relutância dos tradutores a utilizá-las.

Ainda assim, é importante notar o uso da palavra ‘gravidade’ na primeira tradução. À primeira vista, pensamos no sentido prototípico da palavra: a qualidade de algo grave ou com consequências perigosas, sinônimo de seriedade⁵. Porém, devido à polissemia, podemos também interpretá-la em relação à gravidade física, força de atração que age sobre o peso ou massa no planeta e, portanto, está de certa forma relacionada ao domínio PESO. Assim, consciente ou inconscientemente, Borges acabou por utilizar em sua tradução aspectos do domínio fonte da expressão original.

Em outros casos, existe uma dificuldade diferente na tradução desses fenômenos para o português. Em um caso com uma metáfora de imagem, apesar de não termos problema como brasileiros em entender a associação imagética utilizada, a condição morfológica do inglês ocasiona a impossibilidade de uma tradução ao pé da letra da expressão: “In this case I found her biography **sandwiched** in between that of a Hebrew Rabbi and that of a staff-commander who had written a monograph upon the deep-sea fishes” (DOYLE, 1994, p. 11). A tradução de Borges teve uma solução interessante, que manteve uma certa imagem mental de como a biografia estava entre os outros dois livros: “Nesse caso, encontrei a biografia desejada espremida entre a de um rabino e a de um chefe de estado-maior que escrevera uma monografia sobre peixes de águas profundas” (BORGES, 2010, p. 79). Já a tradução de Garcia apresenta a expressão literal: “Encontrei a biografia de Irene entre a de um rabino hebreu e a de um comandante de esquadra que havia escrito uma monografia sobre os peixes dos mares profundos” (GARCIA, 1985). Já que estamos tratando de uma metáfora imagética, a relação metafórica aqui infere uma imagem mental bastante clara e específica, que não pôde ser reproduzida em termos exatos para os leitores em português por causa da elaboração do termo no trecho original⁶.

Outras expressões também apresentam desafios à tradução principalmente por dificuldades na elaboração das imagens mentais que são inferidas. O trecho em questão está associado, no texto original de Conan Doyle, às metáforas primárias conceituais INTIMIDADE EMOCIONAL É PROXIMIDADE e MUDANÇA É MOVIMENTO: “My marriage **had drifted us away** from each other” (DOYLE, 1994, p. 3). O verbo composto ‘drift away’ dá a ideia de afastamento aos poucos, como se por correntes de ar

⁵ Fonte: <<http://www.aulete.com.br/gravidade>>.

⁶ Pensando em opções relacionadas a ‘sanduíche’, entretanto, existe a possibilidade de utilizar ‘prensada’, remetendo ao fato de que temos o sanduíche prensado em algumas regiões do Brasil.

ou água⁷. Já nas traduções, temos diferentes propostas. Na tradução de Borges, temos “Meu casamento nos afastara” (BORGES, 2010, p. 72), enquanto na segunda, o tradutor optou por reformular a estrutura da frase, como segue: “Casei-me, e por isso não nos podíamos encontrar tão frequentemente como antes” (GARCIA, 1985). Embora a primeira tradução mantenha a metáfora conceitual, o verbo ‘afastar’ em português não produz todas as mesmas inferências e imagens mentais, já que tem um sentido bem mais geral do que ‘drift away’. Já o segundo tradutor foi bem mais literal e prolixo, não utilizando metáforas e dando mais explicações que direcionam e limitam a interpretação por parte do leitor. Aqui temos diferenças entre as línguas que praticamente impossibilitam uma tradução mais fiel. O inglês parece ter uma expressão mais específica em termos de como acontece o afastamento entre duas pessoas (de forma lenta e gradual, neste caso), enquanto pode parecer difícil pensar numa equivalência a respeito dessa inferência no português. Talvez por isso a escolha de Borges tenha sido mais genérica, mas ainda assim, manteve as metáforas conceituais que relacionam a proximidade física à intimidade e o movimento de afastamento à mudança comportamental. Do ponto de vista de Eco (2007), essa negociação seria satisfatória.

Além disso, muitos dos casos apresentam uma maior dificuldade de transposição principalmente pela pouca convencionalidade da elaboração linguística em português. É o caso da tradução do trecho onde Sherlock é levado para dentro da casa de Irene Adler: “Then they carried me in. She **was bound** to have me in” (DOYLE, 1994, p. 24). As traduções foram as seguintes: “Ela tinha de me receber” (BORGES, 2010, p. 91), e “Levaram-me para dentro. Ela não podia deixar de permitir que o fizessem” (GARCIA, 1985). As soluções dadas pelos tradutores, portanto, não seguiram o mapeamento IMPOSSIBILIDADE DE FAZER ALGO É INCAPACIDADE DE SE MOVER. Apesar de esta metáfora estar presente no português (p. ex. na expressão idiomática ‘estar de mãos atadas’), ela seria pouco convencional no caso desse segmento específico. Como mencionado nas seções de pressupostos teóricos, as línguas diferem nas elaborações linguísticas possíveis para alcançar o mesmo domínio alvo (KÖVECSSES, 2010). Assim, seguir o mapeamento à risca nesse caso significaria utilizar uma expressão pouco convencional que provavelmente causaria estranhamento ao leitor.

⁷ Fonte: <<http://www.thefreedictionary.com/drift>>.

Assim, como vimos na seção sobre os desafios em se traduzir linguagem figurada, os casos em que um domínio alvo específico é representado através de domínios diferentes nas línguas costumam apresentar grande dificuldade para a tradução. Embora esses casos não tenham ocorrido frequentemente no *corpus*, trazemos aqui um exemplo. Após Sherlock explicar seu plano a Watson, ele pergunta: “You quite **follow** me?” (DOYLE, 1994, p. 19). A metáfora nessa expressão é ENTENDER É SEGUIR, mas os tradutores optaram pela literalidade: “Entendeu bem?” (BORGES, 2010, p. 87); “Está entendido?” (GARCIA, 1985). Em português, não seria convencional usar uma expressão decorrente dessa metáfora, mas sim uma que atualize ENTENDER É ACOMPANHAR. Assim, traduzir ‘follow’ por ‘acompanhar’ seria uma boa opção para manter a metaforicidade e o domínio alvo da expressão, mudando apenas o domínio fonte. Desta forma, se empregássemos a metáfora conceitual mais abrangente APRENDIZAGEM É TRAJETÓRIA, a tradução de ‘follow’ por ‘acompanhar’ seria seguida em ambos os domínios.

Dentre expressões mais fáceis, outras mais difíceis e particularidades entre as propostas dos tradutores, a maioria das expressões metafóricas encontradas no *corpus* não teve um equivalente metafórico nas traduções aqui analisadas. Nem mesmo as metáforas primárias, presumivelmente universais e mais facilmente traduzidas, obtiveram um número grande de traduções figuradas. Já que a universalidade não isenta essas metáforas de serem empregadas ou elaboradas de formas diferentes entre as línguas, daí surgem as discrepâncias que tornam a tradução mais desafiadora. Com isso, antes de passarmos aos mapeamentos mais complexos e idiomáticos, vamos à análise das metonímias.

4.2 Mapeamentos metonímicos

Da mesma forma como não podemos isolar a metáfora, a metonímia também por vezes está intrincada a outras figuras de linguagem. Nesta subseção, entretanto, trataremos de trechos do conto em que a metonímia é predominante. Apesar de consideradas expressões literais por leigos, as metonímias podem sim apresentar desafios à tradução, como veremos.

Começemos por casos em que as metonímias foram bem resolvidas sem esforço aparente. Em “**We** were both in the photograph” (DOYLE, 1994, p. 12), por exemplo, temos a metonímia A PESSOA PELA IMAGEM, já que as pessoas não podem

literalmente estar em uma fotografia. Os tradutores propuseram os seguintes trechos: “Estamos os dois no retrato” (BORGES, 2010, p. 80) e “Estamos os dois na fotografia” (GARCIA, 1985). Nestas, da mesma forma, temos a menção às próprias pessoas para falar das suas imagens. A metonímia A PESSOA PELA IMAGEM é tão usual em ambas as línguas que muito provavelmente não ofereceu desafios à tradução, sendo traduzida como se fosse linguagem literal. Ou seja, as traduções mantiveram o mesmo mapeamento⁸, traduzindo a metonímia pela equivalente na língua alvo.

Porém, ainda há casos em que as metonímias do original são usuais em português, mas suas traduções apresentam termos literais. Por exemplo, vejamos o seguinte trecho original: “She has the face of the most beautiful of women, and the **mind** of the most resolute of men” (DOYLE, 1994, p. 12-13). A tradução de Borges seguiu o mapeamento e a elaboração da metonímia A MENTE POR SEUS PROCESSOS: “Tem o rosto da mais bela das mulheres e a mente do mais resolutos dos homens” (BORGES, 2010, p. 81). A de Garcia, por outro lado, apresenta outra proposta: “O rosto da mais bela das mulheres e a mentalidade dos homens mais resolutos” (GARCIA, 1985). Podemos dizer que, mesmo sendo possível traduzir esse segmento metonímico por outro, o tradutor optou por um termo mais literal e específico, já que ‘mentalidade’ é só um dos muitos aspectos que podem ser associados à mente, como intelecto, inteligência, raciocínio, etc. Dessa forma, as inferências que o leitor pode ter ao se deparar com o termo são imitadas pela escolha de um termo literal.

Outro exemplo disso é o trecho “There was not a **soul** there save the two whom I had followed...” (DOYLE, 1994, p. 17), em que a primeira tradutora propôs “Não havia viva alma lá dentro, a não ser os dois que eu seguira...” (BORGES, 2010, p. 85) enquanto o segundo traduziu por “Não havia outras pessoas além daquelas que eu seguira...” (GARCIA, 1985). A metonímia conceitual PARTE PELO TODO foi seguida apenas pela primeira tradução, que manteve a ideia de alma, mesmo que modificada lexicalmente. Embora o mapeamento fosse mantido mesmo que os tradutores tivessem optado por uma tradução literal da expressão – “Não tinha uma alma lá...” –, o segundo tradutor preferiu a expressão literal, que acaba por suprimir a carga dramática da metonímia no segmento original. Esses exemplos indicam que, mesmo quando os mapeamentos entre as línguas são equivalentes, os tradutores podem optar por não utilizar metonímias na tradução.

⁸ Aqui temos também uma metáfora de container que foi mantida pelos tradutores da mesma forma.

Em casos mais complexos, entretanto, o mapeamento metonímico existe em português, mas a elaboração é que oferece desafios. É o que acontece com a seguinte passagem: “Why should she **hand** it over to anyone else?” (DOYLE, 1994, p. 21). Os tradutores escolheram formas diferentes, mas ambas literais: “Por que daria a fotografia para outra pessoa?” (BORGES, 2010, p. 89), e “Por que haveria ela de entregar a fotografia a outra pessoa, se se sente competente para guardá-la?” (GARCIA, 1985). Já que essa elaboração da metonímia conceitual MÃOS PELA ATIVIDADE acontece de maneiras diferentes nas duas línguas e que não temos um verbo que explicita o papel da mão nessa ação em português, a metonímia não foi seguida.

O mesmo parece acontecer com o seguinte trecho: “[He] dashed forward to open the door in the hope of earning a copper, but was **elbowed** away by another loafer who had rushed up with the same intention” (DOYLE, 1994, p. 22). Aqui, os tradutores optaram por uma expressão literal, não mantendo a metonímia de PARTE PELO TODO e generalizando a ação envolvida: “...mas foi empurrado por um outro vagabundo que também chegara com a mesma intenção” (BORGES, 2010, p. 89), e “...mas foi empurrado por outro dos vagabundos que corra no mesmo instante” (GARCIA, 1985). Quando se trata dessa característica morfológica da língua inglesa que possibilita transformar os substantivos em verbos mais facilmente, como é o caso, nos parece que as figuras de linguagem em geral são mais raramente traduzidas palavra por palavra. Portanto, esse parece ser um fator importante para a dificuldade na tradução também de metonímias⁹.

Além dessa característica, a metonímia também aparece de outras formas no *corpus*. No seguinte trecho original, temos A AÇÃO PELA QUANTIDADE: “...two **fills** of shag tobacco and as much information as I could desire” (DOYLE, 1994, p. 15). As duas traduções apresentam como soluções termos que primariamente designam medidas: “...dois punhados de tabaco ordinários e todas as informações que poderia desejar” (BORGES, 2010, p. 83), e “...duas pitadas de tabaco e todas as informações de que precisar” (GARCIA, 1985). As palavras ‘punhado’ e ‘pitada’ têm como significado prototípico quantidades, mas, como é visível pelas suas morfologias, elas provavelmente denominaram ações no passado e agora estão consolidadas no português como medidas.

⁹ Nesses dois casos temos também o fato de estarmos lidando com *phrasal verbs*, verbos compostos do inglês que são desafios para a tradução por si mesmos e têm alto grau de idiomaticidade.

Segundo o dicionário online Aulete, um punhado tem como definições “1. Quantidade que caiba numa das mãos; 2. Fig. Quantidade pequena”. Não sabemos qual interpretação foi pretendida pela tradutora, já que as duas (literal e figurada) são possíveis nesse caso. De forma parecida, ‘pitada’ também tem duas acepções no dicionário, uma mais específica e outra mais abrangente: “1. Porção de substância em pó que se pega entre o polegar e o indicador; 2. P.ext. Porção pequena de qualquer coisa”. Podemos desconsiderar o primeiro sentido, já que não estamos falando de um pó no contexto do conto, e, por extensão ficaríamos com o segundo sentido, tendo, portanto, uma expressão literal. Entretanto, no dicionário Dicio, encontramos definições que caracterizam ‘pitada’ como a “ação de fumar cigarro”. Se esse sentido fosse considerado, aí então teríamos de novo a metonímia AÇÃO PELA QUANTIDADE. Assim, não fica claro qual desses sentidos intrincados é o pretendido pelo tradutor. As definições, portanto, fazem com que os termos escolhidos pelos dois tradutores sejam ambíguos nesse contexto e, dada a proximidade entre os sentidos literal e figurado, não podemos afirmar se eles seguiram ou não o mapeamento metonímico.

Dessa forma, a metonímia apresenta desafios à tradução assim como a metáfora, embora ela apareça mais sutilmente nos textos. Por um lado, muitas ocorrências foram traduzidas palavra por palavra e mantiveram o mapeamento, inclusive trechos no *corpus* não citados nesta análise. Por outro, percebemos dificuldades por parte dos tradutores principalmente no que tange às elaborações diferentes entre as línguas, sejam elas morfológicas ou lexicais. Ainda assim, tivemos também casos em que os mapeamentos entre as línguas eram equivalentes, mas os tradutores optaram por traduções literais. Com isso, vamos aos casos mais complexos de metonímias na próxima subseção, que envolvem também metáforas e idiomaticidade.

4.3 Mapeamentos idiomáticos

Nesta subseção, são descritas as traduções de segmentos com forte idiomaticidade ou com figuras de linguagem mais complexas, ou seja, que apresentam diferentes mapeamentos metafóricos e/ou metonímicos. Assim, aqui não tratamos de predominância, mas de pluralidade e interação entre os fenômenos.

Começamos com um caso em que a tradução da linguagem figurada é dificultada por diferenças em mapeamento entre as línguas. No trecho original, temos: “You don’t mind **breaking the law**?” (DOYLE, 1994, p. 18). Aqui temos uma

expressão bastante idiomática em inglês com a metáfora subjacente A LEI É UM OBJETO. Considerando que essa expressão literal não é convencional e não soaria bem em português, as traduções propuseram as seguintes soluções: “Não se importa de infringir a lei?” (BORGES, 2010, p. 86) e “Não se importa de contrariar as leis?” (GARCIA, 1985). Os dois tradutores, portanto, foram literais em suas escolhas, o que é compreensível nesse caso dada ao baixo número de elaborações linguísticas em português que atualizem essa metáfora. Ainda assim, a expressão ‘violar a lei’ poderia ter sido usada sem maiores problemas.

De forma mais complexa, o próximo trecho do conto original atualiza a metáfora conceitual ESTABILIDADE EMOCIONAL É ESTABILIDADE FÍSICA. No primeiro, o segmento original é “You do not know her, but she has **a soul of steel**” (DOYLE, 1994, p. 12). Apesar de não ser tão idiomática, a expressão quer dizer que a mulher de quem se fala é estável em termos emocionais e não é desestabilizada facilmente. Além disso, o uso de ‘soul’ para falar da pessoa atualiza a metonímia de PARTE PELO TODO. Os tradutores resolveram traduzir das seguintes maneiras: “O senhor não a conhece, mas sua têmpera é de aço” (BORGES, 2010, p. 81) e “O senhor não a conhece; tem uma alma de aço” (GARCIA, 1985). Enquanto o segundo tradutor seguiu ambos os mapeamentos do trecho original, traduzindo palavra por palavra, a primeira seguiu apenas o metafórico, utilizando uma elaboração diferente para a metonímia. Assim, temos a palavra ‘têmpera’, que é um pouco mais complexa do que ‘soul’, para denominar o temperamento ou a personalidade de alguém. Esse é um termo bastante polissêmico, já que denomina primeiramente um processo metalúrgico para fortalecer metais, além de um tipo de mistura usada em telas de pintura. A origem do sentido figurado de ‘têmpera’ como caráter, índole e temperamento é incerta, mas veio provavelmente da técnica de pintura.

Outra expressão no conto é linguística e conceitualmente parecida. No seguinte trecho, que também apresenta a metáfora conceitual ESTABILIDADE EMOCIONAL É ESTABILIDADE FÍSICA, temos: “The smoke and shouting was enough **to shake nerves of steel**” (DOYLE, 1994, p. 24). As traduções mantiveram a ideia do mapeamento: “A fumaça e a gritaria foram suficientes para abalar nervos de aço” (BORGES, 2010, p. 91) e “A fumaça e os gritos foram suficientes para enervar um cérebro de aço” (GARCIA, 1985). Ainda assim, a segunda tradução é mais literal ao usar o termo ‘enervar’. Nesse último caso, a estabilidade física é inferida apenas pela

ideia de aço, ao contrário de também estar presente em ‘shake’ e ‘abalar’, como é o caso no original e na tradução de Borges. Além disso, Garcia precisou optar por um termo diferente para ‘nerves’, já que o verbo já transmite inferências sobre o sistema nervoso. Escolhendo cérebro para falar de seus processos, portanto, ele acabou utilizando uma metonímia de TODO PELA PARTE.

Apesar de escolhas divergentes feitas pelos tradutores, as duas expressões acima poderiam funcionar de certa forma em um texto em português. Contudo, como esperado, outras expressões são mais difíceis de transpor palavra por palavra. É o caso do seguinte trecho: “...you will throw into the room what I give you to throw, and will, at the same time, **raise the cry of fire**” (DOYLE, 1994, p. 19). A primeira tradução propôs o que segue: “...jogará dentro da sala o que vou lhe dar e, ao mesmo tempo, gritará ‘fogo!’” (BORGES, 2010, p. 87). Já na segunda, temos: “você atirará para dentro aquilo que vou lhe dar, e ao mesmo tempo dará o alarme de ‘fogo!’” (GARCIA, 1985). Ambas as traduções transmitem o sentido figurado que era pretendido no original, entretanto, o mapeamento O ACESSÍVEL À PERCEPÇÃO É PARA CIMA foi omitido, já que a relação com coisas literalmente para cima é perdida. Apesar de a metáfora ser possível em português, essa mesma expressão seria dificilmente mantida por causa das diferentes elaborações entre as línguas. De forma parecida, o sintagma ‘cry of fire’, parte da expressão, é bastante idiomático em inglês, mas sua construção não seria usual em português devido a polissemia da palavra ‘cry’. Ela pode literalmente significar um grito ou uma exclamação em inglês, mas em português não temos esse significado com ‘choro’. Assim, um equivalente que mantivesse as inferências de ‘cry’ seria dificilmente encontrado em português.

Outras expressões bastante idiomáticas também apareceram no *corpus*. Por exemplo, no trecho “Rather than I should marry another woman, there are no **lengths to which she would not go** - none” (DOYLE, 1994, p. 13), o autor utiliza a metáfora MEIOS SÃO CAMINHOS, já que usa termos de um caminho físico para falar de estratégias ou maneiras como a personagem poderia agir. Nenhuma das traduções utilizou o mesmo mapeamento, como vemos: “Para que eu não me case com outra mulher, seria capaz de tudo... de tudo” (BORGES, 2010, p. 81) e “Para que eu não me case com outra mulher, não há nada que ela não faça, nada” (GARCIA, 1985). A solução proposta por Borges é bastante idiomática e funciona bem nesse contexto, apesar de não ter mapeamentos metafóricos ou metonímicos aparentes. A de Garcia é

menos idiomática, mas igualmente literal. Dessa forma, as duas traduções tiveram perdas no que concerne a imagem mental de um movimento físico específico.

Por outro lado, em outras expressões bastante complexas, os tradutores propuseram soluções convencionalizadas que funcionam bem no texto alvo. É o caso do seguinte trecho: “...the very possibility of his failing had ceased **to enter into my head**” (DOYLE, 1994, p. 14). Nesta expressão idiomática, temos a metáfora conceitual O CORPO É UM CONTAINER e a metonímia A CABEÇA PELOS PENSAMENTOS. As traduções foram as seguintes: “...a possibilidade de ele vir a fracassar nem me passava mais pela cabeça” (BORGES, 2010, p.82) e “...a mera possibilidade de ele falhar nunca me passou pela cabeça” (GARCIA, 1985). Ambas as traduções mudaram a construção exata da frase para trazerem uma EI comum no português. Com isso, a metáfora de container foi omitida das traduções, enquanto a metonímia apareceu em ambas. Os tradutores acabaram optando por uma expressão que também ocorre literalmente em inglês (‘to cross one’s mind’), mas que obviamente não atualiza a metáfora de container. Com isso, vemos que a língua inglesa têm duas elaborações idiomáticas diferentes para o mesmo sentido, mesmo se sem os mesmos mapeamentos, enquanto o português soa bem apenas com a opção escolhida pelos tradutores.

Outra expressão no *corpus* é bem parecida com a anterior. No original, temos: “Oh, she **has turned all the men’s heads** down in that part” (DOYLE, 1994, p. 15). A primeira tradutora propôs o seguinte: “Ah, ela virou a cabeça de todos os homens das redondezas” (BORGES, 2010, p. 83). Enquanto isso, na segunda tradução, temos: “Oh! Ela já virou a cabeça de todos os homens que andam por aí” (GARCIA, 1985). Na expressão do original, temos a metáfora conceitual ESTABILIDADE EMOCIONAL É ESTABILIDADE FÍSICA ao remeter à ação de literalmente virar a cabeça para olhar alguém, porém de modo muito mais figurado, nesse contexto. O trecho pode ser interpretado como a descrição de como a personagem deixou os homens perturbados. Além disso, a metonímia CABEÇA PELA PESSOA também é atualizada. Nesse caso, em ambas as traduções, temos exatamente os mesmos mapeamentos. A EI aqui analisada é bastante convencional nas duas línguas, e as traduções funcionam muito bem em português.

Da mesma forma, o próximo trecho também não ofereceu grandes problemas à transposição da seguinte expressão idiomática: “The photograph becomes a **double-edged weapon** now” (DOYLE, 1994, p. 21). Os tradutores apresentaram uma expressão

bastante idiomática também em português: “A fotografia agora é uma arma de dois gumes” (BORGES, 2010, p. 88) e “Agora a fotografia torna-se uma arma de dois gumes” (GARCIA, 1985). Tanto o original quanto as traduções atualizam a metáfora A VIDA É UMA GUERRA e permitem ao leitor as inferências associadas aos domínios envolvidos. Interessantemente, as EI utilizadas tanto no texto original quanto nas traduções parecem ser variações de expressões mais convencionais nas duas línguas. Em inglês, a expressão mais idiomática e convencionalizada seria “double-edged sword”, enquanto “faca de dois gumes” seria mais usual em português do que a versão presente nas traduções.

Por fim, outra expressão idiomática que potencialmente desafiaria os tradutores é a seguinte: “I keep it only to safeguard myself, and to preserve a weapon which will always secure me from **any steps which he might take** in the future” (DOYLE, 1994, p. 27). Os tradutores encontraram duas soluções idiomáticas diferentes: “Conservo-a apenas para me proteger e preservar uma arma que sempre me porá a salvo de medidas que ele possa vir a tomar no futuro” (BORGES, 2010, p. 95) e “Guardarei a fotografia somente para minha segurança, e para conservar uma arma que sempre me há de salvaguardar de qualquer cilada que ele possa armar no futuro” (GARCIA, 1985). Enquanto no trecho original a metáfora conceitual subjacente é O FUTURO É PARA FRENTE, a primeira tradutora optou por uma expressão sem mapeamentos metafóricos ou metonímicos, embora bastante idiomática. Já na segunda tradução, também extremamente idiomática e convencional, podemos identificar a metáfora conceitual O Oponente é uma caça.

Como vimos, boa parte das EI foram traduzidas por expressões idiomáticas com o sentido figurado equivalente em português, e várias apresentaram os mesmos mapeamentos conceituais subjacentes da expressão do texto original. Muitas delas apresentam inclusive mapeamentos similares aos apresentados nas subseções 4.1 e 4.2 e que não foram traduzidos metafóricamente ou metonimicamente. Isso sugere que, quando deparados com uma expressão idiomática mais complexa, os tradutores tendem a buscar expressões figuradas para seus textos. Também percebemos maiores opções de expressões equivalentes convencionalizadas no caso das EI em comparação à metáfora e à metonímia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo propôs uma análise de traduções das figuras de linguagem contidas no conto “A Scandal in Bohemia” de Arthur Conan Doyle. O objetivo era investigar como os tradutores produzem traduções de trechos originalmente figurados e verificar a possível presença de mapeamentos metafóricos e metonímicos nas soluções propostas por eles. Buscamos responder às seguintes perguntas de pesquisa: 1. Na sua maioria, as palavras ou expressões equivalentes utilizadas pelos tradutores levantam os mesmos mapeamentos que a expressão original?; 2. Os três fenômenos de linguagem figurada são traduzidos de maneiras diferentes?; e 3. Os tradutores diferem entre si em relação aos mapeamentos utilizados?

No geral, os fenômenos encontrados no texto não apresentaram grandes diferenças culturais em relação ao Brasil, mas isso não impediu que os tradutores tivessem problemas para traduzi-los conforme os mapeamentos originais. As metáforas encontradas, por exemplo, eram primárias na sua maioria e, diferentemente do esperado, não foram traduzidas pelas mesmas metáforas em português, como vemos na tabela abaixo:

Tabela 1 – Resultados quantitativos da metáfora, por número de mapeamentos seguidos.

	Doyle (1994)	Borges (2010)	Garcia (1985)
Metáforas primárias	14	6	3
Metáforas complexas	8	5	2
Total	22	11	5

As metonímias, por outro lado, apesar de mais frequentemente traduzidas por metonímias equivalentes, ainda tiveram traduções literais em boa parte dos casos selecionados, como vemos na tabela abaixo:

Tabela 2 – Resultados quantitativos da metonímia, por número de mapeamentos seguidos.

	Doyle (1994)	Borges (2010)	Garcia (1985)
Metonímias	17	9	5

As diferenças ou omissões de mapeamentos nos textos traduzidos ocorreram especialmente quando as línguas divergiam em possibilidades de elaboração linguística. Essa condição dificultadora da tradução está alinhada com o postulado sobre a variação intercultural de Kövecses (2005, 2010). Como vimos, as línguas e culturas variam em

elaboração de metáforas e metonímias, mesmo que as apresentem conceitualmente. Apesar disso, os postulados de Kövecses em relação às outras dimensões de variação intercultural não puderam ser verificados neste estudo.

Quanto às diferenças entre fenômenos, conforme a segunda pergunta de pesquisa, é possível notar que as metáforas, principalmente as primárias, foram menos traduzidas conforme os mapeamentos originais em comparação com as metonímias. A maior parte dos trechos metafóricos foi traduzida por equivalentes literais, sugerindo que as metáforas primárias também tendem a apresentar problemas para a tradução, diferentemente do que vimos na revisão de literatura. Embora as omissões dos mapeamentos tenham ocorrido principalmente em casos em que as línguas tinham elaborações diferentes, tivemos também casos em que o tradutor optou por construções literais mesmo quando havia a possibilidade de elaboração metafórica.

Da mesma forma, a metonímia também ofereceu desafios aos tradutores. Novamente, a maioria das dificuldades centrou-se nos casos de diferenças morfológicas e de elaboração entre o português e o inglês. Além disso, casos em que a metonímia era comum e suas atualizações linguísticas eram convencionais na língua de chegada, por vezes os tradutores também escolheram expressões literais. Mesmo assim, muitas ocorrências foram traduzidas palavra por palavra e mantiveram o mapeamento devido a similaridades entre as línguas e ao não reconhecimento dessas metonímias como linguagem figurada, inclusive em trechos no *corpus* que não foram citados no estudo.

Em relação ao último tipo de linguagem figurada aqui analisado, foi possível perceber que as expressões complexas ou idiomáticas foram mais frequentemente traduzidas por expressões figuradas, e não literais. Ou seja, quando a expressão é mais claramente figurada (mais complexa ou idiomática), existe um esforço maior por parte dos tradutores a fim de traduzirem-nas como expressões figuradas, mesmo que com outros mapeamentos ou somente idiomáticas. Quando o tradutor se depara com uma expressão metafórica primária ou metonímica, a chance de negligência e escolha de um equivalente literal é maior, a julgar pelo *corpus*.

A respeito da terceira pergunta, sobre o fator de individualidade de cada tradutor, é possível perceber que as duas traduções aqui analisadas apresentaram diferenças consideráveis entre si. A de Garcia é mais literal e parece ter envolvido menos empenho para seguir os termos e inferências do conto original, enquanto Borges, na medida do possível, apresentou mais mapeamentos equivalentes ao original ou

similarmente figurados. Kövecses (2014) aponta para essas diferenças sutis no contexto cultural dos tradutores que podem afetar a formulação linguística das expressões mesmo quando as metáforas ou metonímias envolvidas são possíveis nas duas línguas, o que pode explicar essas divergências individuais. É importante salientar que as diferenças entre as duas traduções aqui analisadas ocorreram em todas as instâncias de figuratividade abordadas neste estudo.

Um fator determinante para a tradução de linguagem figurada que exerce pressão sobre o tradutor é também a convencionalidade das expressões linguísticas. Como pudemos ver durante a análise, os tradutores dão preferência a expressões mais convencionalizadas e estabelecidas no léxico em relação a elaborações que mantêm as correspondências metafóricas ou metonímicas mas que causariam estranhamento ao leitor. É importante destacar também que a tradução tem valor comercial. Assim, os tradutores trabalham com prazos e clientes e ainda uma série de fatores externos que também influenciam a tradução. Deste modo, devemos reconhecer que, mesmo tendo a TMC como base, por muitas vezes, não é possível seguir os mesmos mapeamentos do texto original e manter o sentido e a fluidez na tradução.

Assim, uma limitação deste trabalho diz respeito ao fato de que apenas duas traduções foram comparadas. Isso obviamente pode enviesar os resultados caso um dos tradutores tiver um estilo de tradução mais desviante da norma. Por isso, estudos futuros são recomendados para testar ou corroborar essas hipóteses sobre as práticas comuns de tradução de linguagem figurada no Brasil, inclusive no que diz respeito a outras culturas, épocas, gêneros textuais e textos com expressões mais culturalmente específicas. Da mesma forma, pesquisas sobre os processos cognitivos dos tradutores e sobre os efeitos da tradução de linguagem figurada conforme os mapeamentos originais também são sugeridas.

Por fim, este estudo atesta a complexidade em se traduzir linguagem figurada, principalmente devido à diversidade e variação dos fenômenos. Assim, ao abordar as estratégias utilizadas pelos tradutores ao lidarem com metáforas, metonímias e expressões idiomáticas, os estudos descritivos de tradução podem oferecer contribuições valiosas para o estudo dessas figuras de linguagem. Da mesma forma, um estudo completo e aprofundado desses fenômenos pode proporcionar entendimento não somente sobre a linguagem em geral, mas também sobre a cognição.

REFERÊNCIAS

- ARDUINI, S. Metaphor, Figurative Language and Translation. In: FUSCO, F.; BALLERINI, M. *Testo e traduzione*. Frankfurt: Peter Lang. 2010, p. 9-18.
- ARROJO, R. *Oficina de tradução: A teoria na prática*. São Paulo: Ática, 2007.
- AUBERT, F. Modalidades de tradução: teorias e resultados. *Tradterm*, v. 5, n. 1, p. 99-128, jan./jun. 1998.
- AULETE DIGITAL. 2017. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>> Acesso em junho de 2017.
- BARCELONA SÁNCHEZ, A. O poder da metonímia. *Cadernos de Tradução*, n. 25, p. 7-24, 2009.
- BRDAR, M.; BRDAR-SZABÓ, R. Metonymies we (don't) translate by. *Argumentum*, v. 10, p. 232-247, 2014.
- CATFORD, J. C. *A Linguistic Theory of Translation*. London. Oxford University Press, 1965.
- CRISTOFOLI, M.; DYRBERG, G.; STAGE, L. Metaphor, Meaning and Translation. *Hermes*, n. 20, p. 165-180, 1998.
- DICIO. 2017. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/>> Acesso em junho de 2017.
- DIRVEN, R. *Metaphor and nation: Metaphors Afrikaners live by*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1994.
- DOYLE, A. C. A Scandal in Bohemia. In: _____. *The Adventures of Sherlock Holmes*. Reading: Penguin Popular Classics, 1994, p. 3-29. Primeira edição em 1892.
- _____. Escândalo na Boêmia. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. In: _____. *As Aventuras de Sherlock Holmes*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 71-108.
- _____. Um escândalo na Boêmia. Tradução de Hamílcar de Garcia. In: _____. *As Aventuras de Sherlock Holmes*. São Paulo: Círculo do Livro, 1985. Disponível em: <https://mundosherlock.wordpress.com/canon_e/arthur-conan-doyle-as-aventuras-de-sherlock-holmes-1892/um-escandalo-na-boemia/> Acesso em junho de 2017.
- ECO, U. *Quase a mesma coisa: experiências de tradução*. Tradução de Eliana Aguiar. São Paulo: Record, 2003.
- EVANS, V. GREEN, M. *Cognitive Linguistics: An introduction*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2006.

GIBBS, R. et al. Metaphor in idiom comprehension. *Journal of memory and language*, v. 37, p. 141-154, 1997.

GRADY, J. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. Doutorado em Linguística (Tese), Universidade da Califórnia, Berkeley. p. n/a, 1997.

HURTADO ALBIR, A. A aquisição da competência tradutória. In: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. (Orgs.). *Competência em tradução: Cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 19-57.

KOGLIN, A. *Efeitos cognitivos e esforço de processamento de metáforas em tarefas de pós-edição e de tradução humana: uma investigação processual à luz da teoria da relevância*. Doutorado em Linguística Aplicada (Tese), Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, p. 196, 2015.

KÖVECSES, Z. *Metaphor in culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

_____. *Metaphor: A practical introduction*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2010.

_____. Conceptual metaphor theory and the nature of difficulties in metaphor translation. In: MILLER, D.; MONTI, E. (Eds.). *Tradurre Figure/Translating Figurative Language*. Emilia-Romagna: Università di Bologna, 2014, p. 25-39.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

_____.; JOHNSON, M.. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

_____.; JOHNSON, M.. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM) e Vera Maluf. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LANGLOTZ, A. *Idiomatic Creativity: A cognitive-linguistic model of idiom-representation and idiom-variation in English*. Amsterdam: John Benjamins, 2006.

MANDELBLIT, N. The cognitive view of metaphor and its implications for translation theory. In: LEWANDOWSKA-TOMASZYK, B.; THELEN, M. (Eds.). *Translation and meaning - Part 3*. Maastricht: Universitaire Pers, 1995, p. 482-495.

MILLER, D.; MONTI, E. (Eds.). *Tradurre Figure*. Emilia-Romagna: Università di Bologna, 2014.

NEUBERT, A. *Text and Translation*. Leipzig: Verlag Enzyklopädie, 1985.

NORD, C. *Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained*. Michigan: St. Jerome Pub., 1997.

PRAGGLEJAZ, G. MIP: A method for identifying metaphorically used words in discourse. *Metaphor and Symbol*, v. 22, n. 1, p. 1-39, 2007.

SCHÄFFNER, C. Metaphor and translation: some implications of a cognitive approach. *Journal of Pragmatics*, v. 36, p. 1253–1269, 2004.

STEEN, G. Translating metaphors: What's the problem? In: MILLER, D.; MONTI, E. (Eds.). *Tradurre Figure/Translating Figurative Language*. Emilia-Romagna: Università di Bologna, 2014, p. 11-24.

STEEN, G. et al. *A method for linguistic metaphor identification*. Amsterdam: John Benjamins, 2010.

TERMIGNONI, S. *Bases teórico-metodológicas para um hiperdicionário semibilíngue de expressões idiomáticas italiano-português em meio a um ambiente virtual de aprendizagem*. Doutorado em Lexicografia, Terminologia e Tradução: Relações Textuais (Tese), Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 426, 2015.

THE FREE DICTIONARY. 2017. Disponível em: <<http://www.thefreedictionary.com/>> Acesso em junho de 2017.

APÊNDICE A - Tabela comparativa de trechos de metáfora no *corpus*.

Trecho original de Conan Doyle (1994)	Tradução de Borges (2010)	Tradução de Garcia (1985)	Mapeamento original e correspondências.
“My marriage had drifted us away from each other” p. 3.	“Meu casamento nos afastara ” p. 72.	“Casei-me, e por isso não nos podíamos encontrar tão freqüentemente como antes [sic]”.	INTIMIDADE EMOCIONAL É PROXIMIDADE e MUDANÇA É MOVIMENTO sim/não.
“My eyes tell me that on the inside of your left shoe...” p. 5.	“Meus olhos me dizem que no lado interno do seu sapato esquerdo...” p. 74.	“ Vejo que do lado de dentro do seu sapato esquerdo...”	PERSONIFICAÇÃO. sim/não.
“Sit down in your arm-chair, Doctor, and give us your best attention” p. 8.	“Sente-se naquela poltrona, doutor, e dê-nos o melhor de sua atenção” p. 76.	“Sente-se naquela poltrona, doutor, e dê-nos sua melhor atenção”.	ATRIBUTOS SÃO POSSES. sim/sim.
“At present it is not too much to say that it is of such weight that it may have an influence upon European history” p. 9	“No momento, não é exagero dizer que ele é de tal gravidade que pode ter influência sobre a história européia [sic]” p. 78.	“Atualmente, não é exagero dizer que é tão importante que pode influenciar a história da Europa inteira.”	IMPORTÂNCIA É PESO. não/não.
“In his eyes, she eclipses and predominates the whole of her sex” p. 3	“A seus olhos, ela eclipsa e domina todo o sexo feminina” p. 71.	Era de opinião que ela eclipsava e se sobrepunha a todas as outras mulheres, e isso não porque estivesse apaixonado por Irene Adler.	Metáfora de imagem. sim /não.
“In this case I found her biography sandwiched in between that of a Hebrew Rabbi and that of...” p. 11.	“Nesse caso, encontrei a biografia desejada espremida entre a de um rabino e a de um chefe....” p. 79.	“Encontrei a biografia de Irene entre a de um rabino hebreu e a de um comandante de esquadra...”	Metáfora de imagem. não /não.
“what might grow to be an immense scandal” p. 10.	“...o que poderia assumir as proporções de um imenso escândalo” p. 78.	“...o que poderia tornar-se um grande escândalo”.	ATRIBUTOS SÃO SERES VIVOS e IMPORTÂNCIA É TAMANHO. não/não e sim/não.
“I was already deeply	“Já estava profunda-	“Tinha profundo	INTENSIDADE É

interested in his inquiry...” p. 1.4	mente interessado naquela investigação...” p. 82.	interesse pelo caso...”	PROFUNDIDADE sim/sim.
“...it was surrounded by none of the grim and strange features...” p. 14.	“... embora ela não estivesse cercada por nenhuma das soturnas e estranhas das características...” p.82	“...embora isento das circunstâncias desagradáveis e estranhas ligadas aos dois crimes...”	CIRCUNSTÂNCIAS SÃO AMBIENTES. sim/não.
“Indeed, apart from the nature of the investigation which my friend had on hand , there was something...” p. 14.	“Na verdade, qualquer que fosse a natureza da investigação que meu amigo emprendia ...” p. 82.	“Além de tudo, a forma acertada como meu amigo tratava o assunto fazia com que eu tivesse prazer em estudar seu sistema...”	LIDAR É POSSUIR. não/não (reformulação).
“The chances are that she would be as averse to its being seen by Mr. Godfrey Norton, as our client to its coming to the eyes of his Princess.” p. 21.	“É provável que Irene tenha tão pouco desejo de que Mr. Godfrey Norton a veja quanto nosso cliente de que ela seja vista por sua princesa” p. 88.	“...pois se for vista por Godfrey Norton, o caso é igual ao do nosso cliente, isto é, é como se fosse vista pela princesa”.	CONHECER É VER. sim/sim.
“When Mrs. Turner has brought the tray I will make it clear to you” p. 19.	“Depois que Mrs. Turner tiver trazido a bandeja eu lhe explicarei ...” p. 86.	“Depois que a sra. Turner trouxe a bandeja, explico-lhe tudo”.	SABER É VER. não/não.
‘You quite follow me?’ p. 19.	“ Entendeu bem?” p. 87.	“Está entendido ?”	ENTENDER É SEGUIR. não/não.
“‘Then I must begin’ said he ‘by binding you both to absolute secrecy for two years’” p. 9.	“‘Nesse caso’, disse, ‘devo começar pedindo a ambos sigilo absoluto durante dois anos’” p. 78.	“Então preciso começar — disse ele — por lhes impor a ambos o maior silêncio a este respeito durante dois anos”.	UM COMPROMISSO É UM VÍNCULO FÍSICO. não/não.
“...at the same time, raise the cry of fire ” p. 19.	“...ao mesmo tempo, gritará ‘fogo!’ ” p. 87.	“...e ao mesmo tempo dará o alarme de ‘fogo’ ”.	O ACESSÍVEL À PERCEPÇÃO É PARA CIMA. não/não.
“But I’m inclined to think neither” p. 21.	“Não me inclino , porém a admitir nem uma nem outra” p. 89.	“Mas não acredito nela”.	CRENÇA É POSIÇÃO FÍSICA. sim/não.
“But he’ll be gone	“Mas estará morto	“...mas morrerá	ESTAR

before you can get him to hospital” p. 22.	antes de que se possa levá-lo ao hospital” p. 90.	antes que possa chegar a um hospital”.	CONSCIENTE É ESTAR AQUI. não/não.
“I’m still in the dark ” p. 23.	“Continuo sem entender ” p. 91.	“ Não compreendo ”.	SABER É VER. não/não.
“She was bound to have me in” p. 24.	“Ela tinha de me receber” p. 91.	“Ela não podia deixar de permitir que o fizessem, não é verdade?”.	IMPOSSIBILIDADE DE FAZER ALGO É INCAPACIDADE DE SE MOVER. não/não.
“I wish she had been of my station ” p. 26.	“Gostaria que ela tivesse uma posição como a minha” p. 93.	“Bem, gostaria que ela fosse da minha raça e posição ”.	STATUS SOCIAL É POSIÇÃO FÍSICA sim/sim.
“Is it not a pity that she was not on my level ?” p. 28.	“Não é uma pena que não fosse do meu nível ” p. 95.	“Pena que não seja da minha posição! ”	STATUS SOCIAL É ELEVÇÃO VERTICAL. sim/sim.
“And that was how a great scandal threatened to affect the kingdom of Bohemia, and how the best plans of Mr. Sherlock Holmes were beaten by a woman’s wit” p. 28-29.	“Foi assim que um grande escândalo ameaçou o reino da Boêmia, e que os melhores planos de Mr. Sherlock Holmes foram frustrados pela sagacidade de uma mulher” p. 96.	“E foi assim que o reino da Boêmia foi ameaçado por um grande escândalo e que os melhores planos de Sherlock Holmes foram frustrados pela sagacidade de uma mulher”.	CONFLITO É GUERRA. não/não.
22 mapeamentos (+2 de imagem)	Seguiu 11 dos 22.	Seguiu cinco dos 22.	

APÊNDICE B - Tabela comparativa de trechos de metonímia no *corpus*.

Trecho original de Conan Doyle (1994)	Tradução de Borges (2010)	Tradução de Garcia (1985)	Mapeamento original e correspondências.
“She is herself the very soul of delicacy” p. 12.	“Ela mesma é a delicadeza em pessoa ” p. 80.	“Ela própria é a delicadeza personificada ”.	PARTE PELO TODO. não/não.
“There was not a soul there save the two whom I had followed...” p. 17.	“Não havia vivalma lá dentro, a não ser os dois que eu seguira...” p. 85	“Não havia outras pessoas além daquelas que eu seguira e do vigário...”	PARTE PELO TODO. sim/não.
“...two fills of shag tobacco and as much information as I could desire...” p. 15.	“...dois punhados de tabaco ordinários e todas as informações que poderia desejar...” p. 83.	“...duas pitadas de tabaco e todas as informações de que precisar...”	AÇÃO PELA QUANTIDADE. ?/?
“ We were both in the photograph” p. 12.	“ Estamos os dois no retrato” p. 80.	“ Estamos os dois na fotografia”.	A PESSOA PELA IMAGEM. sim/sim.
“She has the face of the most beautiful of women, and the mind of the most resolute of men” p. 12-13.	“Tem o rosto da mais bela das mulheres e a mente do mais resolutos dos homens” p. 81.	“O rosto da mais bela das mulheres e a mentalidade dos homens mais resolutos”.	A MENTE POR SEUS PROCESSOS. sim/não.
“Why should she hand it over to anyone else?” p. 21.	“Por que daria a fotografia para outra pessoa?” p. 89.	“Por que haveria ela de entregar a fotografia a outra pessoa, se se sente competente para guardá-la?”	MÃOS PELA ATIVIDADE. não/não.
“...but was elbowed away by another loafer...” p. 22.	“...mas foi empurrado por um outro vagabundo...” p. 89.	“...mas foi empurrado por outro...”	LUGAR PELA AÇÃO. não/não.
“The chances are that she would be as averse to its being seen by Mr. Godfrey Norton, as our client to its coming to the eyes of his Princess.” p. 21.	“É provável que Irene tenha tão pouco desejo de que Mr. Godfrey Norton a veja quanto nosso cliente de que ela seja vista por sua princesa” p. 88.	“...pois se for vista por Godfrey Norton, o caso é igual ao do nosso cliente, isto é, é como se fosse vista pela princesa”.	LUGAR PELA AÇÃO. não/ não.
“Indeed, apart from	“Na verdade, qualquer	“Além de tudo, a	MÃOS PELA

the nature of the investigation which my friend had on hand , there was something...” p. 14.	que fosse a natureza da investigação que meu amigo empreendia... ” p. 82.	forma acertada como meu amigo tratava o assunto fazia com que eu tivesse prazer em estudar seu sistema...”	PESSOA. não/não.
“As I passed the well-remembered door, which must always be associated in my mind with my wooing...” p. 4	“Ao passar pela porta de que me lembrava tão bem, e que estará para sempre associada em minha mente à época de meu namoro...” p. 72	“Ao encarar a inolvidável porta, a qual para mim permanece associada ao meu tempo de namorado”.	A MENTE PELA MEMÓRIA. sim/não.
“In his eyes , she eclipses and predominates the whole of her sex” p. 3.	“A seus olhos , ela eclipsa e domina todo o sexo feminino” p. 71.	“ Era de opinião que ela eclipsava e se sobrepunha a todas as outras mulheres...”	LUGAR PELA AÇÃO. sim/não.
“Quite so’, he answered, lighting a cigarette , and throwing himself down into an arm-chair” p. 6.	“‘Naturalmente’, ele respondeu acendendo um cigarro e jogando-se numa poltrona” p. 74.	“Perfeitamente — respondeu ele acendendo um cigarro e atirando-se numa poltrona”.	TODO PELA PARTE. sim/sim.
“Do you note the peculiar construction of the sentence?” p.7.	“Você notou a construção de frase peculiar?” p. 76.	“Repare bem na construção esquisita da sentença”.	CAUSA PELO EFEITO. sim/sim.
“...paused immediately outside the door ” p.8.	“...estancou rente à porta ” p. 76.	“...parou imediatamente em frente à porta ”.	PARTE PELO TODO. sim/sim.
“...and I received in exchange two pence, a glass of half-and-half...” p.15	“...e em troca ganhei dois <i>pence</i> , um copo de <i>hanlf-and-half...</i> ” p. 83	“...e recebi de gratificação dois pence, um copo de cerveja...”	CONTINENTE PELO CONTEÚDO. sim/sim.
“So say the Serpentine Mews , to a man” p. 15	“...é voz geral nas estrebarias de Serpentine” p. 83.	“segundo dizem todos os empregados das cocheiras da Serpentine.”	LUGAR PELAS PESSOAS. não/não.
17 mapeamentos.	Seguiu nove dos 17.	Seguiu cinco dos 17.	

APÊNDICE C - Tabela comparativa de trechos de EI no *corpus*.

Trecho original de Conan Doyle (1994)	Tradução de Borges (2010)	Tradução de Garcia (1985)	Mapeamentos originais e correspondências.
“Then I shall drop you a line ” p. 13.	“Então lhe escreverei , mantendo-o a par de nossos progressos” p. 81.	“Então lhe escreverei para informá-lo do desenrolar do caso”.	EI sem mapeamento aparente.
“Now carry my orders to the letter. ” p. 21	“Agora , cumpra minhas ordens ao pé da letra ” p. 89.	“Agora cumpra as minhas ordens”.	EI sem mapeamento aparente.
“You do not know her, but she has a soul of steel ” p. 12.	“O senhor não a conhece, mas sua têmpera é de aço ” p. 81.	“O senhor não a conhece; tem uma alma de aço. ”	EI. ESTABILIDADE EMOCIONAL É ESTABILIDADE FÍSICA. sim/sim.
“...the very possibility of his failing had ceased to enter into my head ” p. 14.	“...a possibilidade de ele vir a fracassar nem me passava mais pela cabeça ” p. 82.	“...a mera possibilidade de ele falhar nunca me passou pela cabeça ”.	EI. O CORPO É UM CONTAINER e A CABEÇA PELOS PENSAMENTOS não/não e sim/sim.
“The photograph becomes a double-edged weapon now.” p. 21.	“A fotografia agora é uma arma de dois gumes ” p. 88.	“Agora a fotografia torna-se uma arma de dois gumes ”.	EI. A VIDA É UMA GUERRA. sim/sim.
“Oh, she has turned all the men’s heads down in that part” p. 15.	“Ah, ela virou a cabeça de todos os homens das redondezas” p. 83.	“Oh! Ela já virou a cabeça de todos os homens que andam por aí”.	EI. ESTABILIDADE EMOCIONAL É ESTABILIDADE FÍSICA e CABEÇA PELA PESSOA. sim/sim e sim/sim.
“You don’t mind breaking the law? ” p. 18 .	“Não se importa de infringir a lei? ” p. 86.	“Não se importa de contrariar as leis? ”	EI. A LEI É UM OBJETO. não/não.
“...there are no lengths to which she would not go - none” p. 13.	“Para que eu não me case com outra mulher, seria capaz de tudo... de tudo” p. 81.	“Para que eu não me case com outra mulher, não há nada que ela não faça , nada”.	EI. MEIOS SÃO CAMINHOS. não/não.
“The smoke and shouting was enough to shake nerves of	“A fumaça e a gritaria foram suficientes para abalar nervos de aço ”	“A fumaça e os gritos foram suficientes para enervar um	EI. ESTABILIDADE EMOCIONAL É ESTABILIDADE

steel” p. 24 .	p. 91.	cérebro de aço” .	FÍSICA. sim/não.
“...which will always secure me from any steps which he might take in the future” p. 27.	“...preservar uma arma que sempre me porá a salvo de medidas que ele possa vir a tomar no futuro” p. 95.	“...há de salvar de qualquer cilada que ele possa armar no futuro”.	EI. O FUTURO É PARA FRENTE. não/não.
10 EI. Oito mapeamentos metafóricos e dois metonímicos.	Utilizou sete EI. Seguiu quatro metáforas e duas metonímias.	Utilizou cinco EI. Seguiu três metáforas e duas metonímias.	